



## Perfil do escritor

A gente, senhorita "Frida", que me corre de São Paulo, pediu eu mandar-lhe notícias bio-bibliográficas de Lima Barreto, tento o prazer de comunicar o que sei a respeito desse homem de talento.

Chamava-se Affonso Henriques de Lima Barreto e nasceu no Rio, em 12 de maio de 1881, e faleceu em 1º de novembro de 1922.

Viveu, pois, quarenta e um anos, poucos para a sua glória literária, muitos para a sua vida irregular e desordenada. Gostava de embriagar-se nos últimos tempos e ainda piores lhe seriam as atribulações se não tivesse como anjo da guarda, uma irmã que o idolatrava e quanto podia encorajava-o a evitá-las todos os perigos da vida boêmia.

Estudou na Escola Politécnica por uns três ou quatro anos. Dirigiu uma revista literária "Floréal". Inimigo do esporte predileito dos curiosos fundou a "Liga Brasileira" contra o "futebol". Foi isso em 1918.

Realmente ele não era inimigo de coisa alguma e a atitude anti-esportiva era "pose" e nada mais.

Lima Barreto gostava de discutir e contraditar, sem firmeza de opiniões, que só as tinha, verdadeiras, nas questões literárias.

Combatia a gramática, os clássicos e os pedantes de toda casta. E bem o demonstrava na ampla liberdade de escrever, a qual era sua norma.

A crise seria grave se fosse um escritor mediocre. O seu talento excusava esses paradoxos de pouca monta.

Escrivia também sem régua, rídiculo em vários jornais.

Varô, incômodo, e, como se diz, relaxando em suas ocupações mesmo as mais prediletas, conquisava tópicas, compôr numerosos livros de ficção.

Era a luta que do repente perdemos nela organizar:

I — "Recordações do escrivão Isaias Caminha", que teve 3 edições. E' o seu primeiro romance e em que talhou numerosas "capapuças" do meio jornalístico.

II — "Triste fim de Polycarpo Quaresma". Outro romance, de fina satira e ironia.

## III — "Numa e a Ninfa" — Romanço político.

IV — "Vida e morte de Gonzaga de Sa". E' o seu romance mais perfeito.

## V — "Histórias e Sonhos" (terísticas).

## VI — "Bruzundanga".

## VII — "Feiras e Mafusás".

Deixou por concluir um romance — "Cemitério dos Vivos" — impressões do Hospital Nacional, onde, sob a carinhosa proteção de Julian Moreira, experimentou, quase inutilmente, breve estadia de cura. Era, porém, já então incorrigível a abulia daquele grande espírito.

Morreu num subúrbio do Rio, Conheci-o e aprazia-me vê-lo, e lamentei que se esticasse tão

formoso talento, um dos mais vigorosos da última geração.

Mas, Lima Barreto era impetuoso e rebelde, embora fosse inegotável a bondade do seu coração generoso.

Chegaria facilmente à perfeição, que jamais logrou alcançar, sendo, como era, negligente e descurado.

Ela al senhorita Frida, o que sei, e tudo isso, ou quase tudo, devo à diligência de um amigo e homem de letras, o dr. Fernando Nery, secretário da Academia Brasileira.

E' uma nota bio-bibliográfica, exata e conciliadora.

Quanto a mim e ao Juiz que formei das suas obras, malicei agraciad a "Vida de Gonzaga" e o "Polycarpo Quaresma", e alguns contos e fragmentos esparsos.

Ninguém pediu o meu "luto" e não quer dê-lo apressadamente.

A verdade é que a obra de Lima Barreto, quase toda ela rara, espõa um editor capaz de a reviver.

Então, aquela gaifarra tornou-se indispensável.

II  
NUMA E A NINFA

"Numa e a Ninfa", é um estudo da vida social e política do seu tempo. E' realmente um dos raros livros que espelham, com veracidade, senão com

fidelidade, os vícios e costumes da sociedade política.

No Brasil, em quase todos os ramos de vida, o "arrivismo" é de todos os dias, naquela constante ação consumada e perfeita; sem ela, seria impossível explicar o triunfo e a evidência de indivíduos quase nulos, insignificantes, incultos e ridículos que, entretanto, ocupam as melhores posições. A inteligência substitui-se à esperteza, que é também, não há negar, uma qualidade do espírito. Já não é pouco verificarmos que, por exemplo, na política, senão temos a verdade temos pelo menos o sofisma. Contentamo-nos com apariências lógicas e com arremedos simbólicos.

Dessa desordem fundamental dos nossos costumes traçou Lima Barreto com mão firme um esboço tão parecido à realidade que com ela se confunde.

"Numa", ou antes s. ex. o deputado Numa Pompilio, era um ser obscuro e indeciso; só depois de alcançar alguma reputação foi possível fixar ao certo a profissão do seu nome; passava então indiferentemente por Numa ou Numa, mais tarde ficou sendo o grande Numa. Quem o desconheceria agora?

A vida desse velhaco, arranjador de empregos, engrossador de políticos, de sogros ricos e possíveis, é uma dessas miserias odiosas, que explicam o caráter aventureiro e instável de inúmeros tipos da sociedade em que vivemos.

Casou com Edgarda, para viver profissionalmente de gênero. Era marido por emprego.

Com tão mesquinhos escrupulos, estava destinado a um magnífico esplendor em qualquer tempo; mas essa felicidade chegou no cume, com a coincidência da ditadura militar do general Bentes, elevado ao governo.

Então, aquela gaifarra tornou-se indispensável.

Há no romance de Lima Barreto um grande número de tipos interessantes, sempre verdadeiros. Edgarda, adultera e talvez mais canhã que o marido, é a sua Ninfa Egeria, encher-lhe a cornucópia de inspirações geniais; outro caráter do romântico é um positivista ingênuo, alabando com o vocabulário de Comte e os lugares comuns da doutrina:

— Vamos ter um governo como o do grande Frederico (diz ele) — a ditadura realizando o voto sistemático de Hobbes.

Este não faz outro mal que o da adocção e do seu incondicionalismo pela "incorporação do proletariado", pelas saudades do "regime católico-feudal". Como papagaio da filosofia, atravessa o romântico, peripatético, a dar um tom muito nacional à política republicano-militar.

Não há um só leitor que desconheça esse tipo contemporâneo do novo regime.

Um personagem que faz prever em Lima Barreto, o futuro autor de um romance de costumes populares é o "Lucrécio Barba de Bode", tipo quase secundário no livro, mas intensamente significativo pela verdade de flagrante dos seus gestos. E' um miséril mulato, sem emprego, que, eternamente e por instintivo olfato, descobre o futuro árbitro das graças.

Quem o não conhece, servil frequentador de "meetings", copião "ex-officio" dos chefes, açoiteiro, barulhento ou pacífico, conforme as ordens e a temperatura do momento?

Lucrécio habita a "Cidade-Nova"; e aconselha aos ritores as páginas consagradas à descrição magistral desse bairro, "que não teve tempo de acabar nem de levantar-se do chão que era". São páginas, que definem um escritor, o "flirt", as moças Janeleiras, o tipo do pianista de danças, o caixeiro da venda, com os tamancos recla-

mistas que escutam pregão. A eterna faina do "bicho", esperança providêncial e desengano da gente indecisa, inspira a Lima Barreto alguns dos seus melhores trechos descriptivos.

E assim o livro desse romântico, um dos melhores da nossa geração.

Entre tanto há um defeito grave, neste, como em outros romances de Lima Barreto. Não há razoável acabamento; falta sempre a chave da abóbada, que é a carpintaria exelentemente. Todos os personagens desparecem quase subitamente: a vida do próprio Numa tem apenas um desenlace insignificante para o um círculo daquele espécie. Estou que uma cena do "Bel Ami", de Maupassant, inspirou aquele desfecho.

Já no "Polycarpo Quaresma", que é um romance admirável pelo contexto, encontramos o mesmo desfalecimento, desproporcionado na conclusão. Todas as arabescos, toda a decoração é esplêndida, mas a arquitetura é falsa.

Isto provem, talvez, de que escreva para os jornais, e deixe para os azares dos dias a inspiração final dos seus trabalhos. O jornalismo é sempre uma arte apressada e imperfeita, que não deixa amadurecer e compor-se a congruência de obras mais complexas e que reclamam de longas de meditação e de estudo.

Será assim.

Não o sabemos. Mas a verdade é que temos em Lima Barreto um grande romântico da cidade, conhecedor dessa Babilônia, como o foi Alcides Azevedo, o autor do "Cortiço".

E' realmente um escritor dotado de observação ágilta, de imaginação e de estilo.

Não é um escritor muito puro no sentido de escrupulosa correção; só-lo à quando o quiser e naturalmente é isso obra do tempo. Conviria ainda que ele "estilizasse" um pouco mais os seus personagens sob um véu mais distancio, evitando nomes conhecidos, afim de fugir àquele bárbaro maneira de Aristophanes, própria só de um povo hárbrimo que ainda não havia inventado a sátira. Os românticos corrigiram a comédia aristófànica e evitaram a ofensa pessoal, inútil.

E' uma escravoteação digna da imparcialidade literária. E' sempre útil, sobre acréscimo, aclararmos indecisões, como aquelas empregados do Congresso, que não sabiam se o grande homem era "Numo" ou "Nuna". Deixemos a epigráfistas e cultuados das identificações. E' uma parte que damos à grave ciência deles, sem diminuição da nobreza.

## III

VIDA E MORTE DE J. M. GONZAGA DE SA'

A biografia composta com o romance para não remontar a fontes longínquas que confluiram até a novela dos nossos dias, deriva do Tristram Shandy, de Sterne.

Nesse gênero temos uma das gênices de Machado de Assis, as "Memórias de Braz Cubas". Na história da ficção as aventuras maravilhosas e cavaleirescas já haviam sucedido, as aventuras sentimentais, conforme de todo à verossimilitude, e à realidade presente.

Enfim, a verdade é mais assombrosa que a fantasia e para engenhar maravilhas? Parecem afinal coisa estéril inventar lances artificiosos e imaginar gigantes invencíveis, onde a alma humana a todas as horas realiza prodígios e combate as suas batalhas mais encarniçadas e terríveis.

A arte da biografia na roman-

ce exige requisitos de personalismo nas confissões, em que se entrevê com lucidez a individualidade do escritor.

Este — "Gonzaga de Sa" — de Lima Barreto, é um relato razoável do romântico. Ilustra revoltado, curioso de aspectos sociais, de grande piedade humana e de singular sensibilidade de nos espetáculos da natureza. E'-lhe parecido, pelo menos, em algumas tracções essenciais, uma fugitiva, adrede apagada, aqui e ali pelo diserto recato do romântico.

Assim comprehende-se — "Vida de M. Gonzaga de Sa", — romance de admirável humor, de fina graça, na coleção das novelas como o étnico maior consideração e de um alto merecimento na bibliografia deste ano.

Vários romances temos, no entanto, e em nenhum deles, alguns excelentes, achando o delito fresco, a limpida fragrância de simplicidade e profundidade deste livro.

Dir-se-á uma obra supervalorizada, tal a facilidade do escritor, mas é evidente que a suposta tranquilidade esconde uma profunda imensidão. As perspectivas bem acabadas e extatas dão com relevos e dimensões grandiosas. E tudo isto sem sentimentalismo e sem discrição e no inconsciente dos que.

Estou que, talvez devesse, em pouco, ao corrigir-se de umas imperfeições e negligéncias, essa é uma crítica para o autor um dia de suas lagunas entre os numerosos doidores.

Ele é um humorista de Machado de Assis, riu muito, riu menos timidamente, riu mais veementemente. E' de certo modo rido por seu vez de agressões sociais, superstições, vidas e mortes da sua arte, que podia fornecer-lhe determinação mais profunda personalizadas.

Na — "Vida e morte de Gonzaga" — há referências e alusões de que poderia prender, pois não havia mistério individualizá-las. Para a arte, sempre sintética e geral, pouco valeriam as reminiscências de casas espetaculares, rotuladas e engarrafadas como monstros da terra, quando não passam de trivialidades cotidianas, que não merecem o favor de tão leve desfecho.

Esse apelo continuo a certas pequeninas birras pessoais, sua importância nem deixa para o autor ou para os seus discípulos, transforma por vezes os seus romances em patéticos e cínicos coros de atualidade primitiva e coisas que deviam ser elencadas. Mas é um leve desfecho.

O biólogo conheceu Gonçalo, empregado do Ministério das Cidades, a propósito de uma das suas questões graves, que por vezes abaliam como tremores as nossas repartições de L. da Cunha, onde a "lana caprina" e a paralípelia constituem as duas maiores preocupações.

Se fossem eliminadas, Auerbach havia com que pagar um imposto. Trajava-se de um capo de salvas, devidas ao bábio de L. da Cunha, que chegava a bordo de um "galo". A imortaliza da desgraça tiveram, pelo menos, reclamou que se competiam desfecho.

Foi preciso então consultar os textos, as autoridades, os entusiastas e na de "utro dia". Moveram-se os ministros e secretarias respectivas, informaram e estudaram, fizeram pareceres e arranjaram, nadando de discussões nacionais e internacionais. Levantou-se um casadinho no Ministério de Estrangeiros, chamado a esse ponto, dos diplomáticos de Budapeste, Confúcio e Ju-

## Três estudos de João Ribeiro

Recordações  
do escrivão  
Isaias Caminha

LISBOA

ALMADA  
LIMA

# sobre Lima Barreto

nos Cristo, catalogados nas suas equivalências hierárquicas, predominantemente aos tipos de polvos.

Esse trabalho enorme resultou mal, e, como sucede nas infâncias do internacionalismo e da diplomacia, falou a boca do cunhado. Era a vez da artilleria. O ministro da Guerra, por quem resolvem o caso com certa desonra, "salomônico e hereditário", declarando que no Rio, "caíram dezenas de tiros, nenhuma queria o santo e reverendo prelado", mas desse esse deserto disparados com canhões de quinze e o último dada com canhão de sete e meio. Aí, na realidade, disparavam e desatavam tiros, como quando a Igreja ou sejam, dessezes e metade como queria o Estado, quando feliz e inspirada na justiça de rachar a meio do doutor Wenceslau.

Nessa noite de "humor" estava todo o nosso antigo regime do padrinho.

Então, o biógrafo, que era engenheiro inferior no Ministro em encantamento e trânsito da papelada, teve a ocasião de oportunidade velha de conhecer Gonzaga de Sa, diretor da escola de parâmetros e alinhavos, que de momento engolofadinho, avessa ao número de sete e meio devia trazer a imagem de São Sebastião.

Deve-se o conhecimento com tanta simpatia. Gonzaga era poeta, romancista e voltaírano; tinha nesse a mesma compleição mortal do velho imperador alemão e irmão de São Francisco.

O biólogo escreveu a vida daquele seu amigo, burocrata e filósofo, em páginas admiráveis, que formam o texto do romance.

Quando morreu, subiu como um neptuno; no tocar numas das suas jardins perdeu o equilíbrio, caiu e morreu de repente.

É espetacular. Pensara em casar das vezes a princípio com a filha de um visconde e depois com a lavadeira. Ambas as imbecis morreram sem realizá-lo, mas, analisadas retrospectivamente, achou-as idênticas em suas vidas, no fundo e nas aparições.

Não esqueçamos que Gonzaga, humanista e letrado, conhecia a psicologia e a metafísica, aproximava a razão das coisas e a felicidade das nossas sentenças.

Como toda a gente da sua geração que tem raízes na monarquia e vive da república, nela se deu uma parada da vida sentimental e salveu da independência o seu espírito.

E o num rápido diálogo:

O Barão hoje de manhã temido um poeta.

— E é?

— O poeta extraordinariamente inquieto, visivelmente enladrado, foi-lhe perguntado se devia grafar amor com maiúscula.

— E o Rio Branco?

— Que não era conveniente no meio do verso, mas no começo quando se impunha.

Tentou satisfação em ver se o meu mundo anterior valia mais, incluindo nas nossas lemas.

No correr das páginas da "Viagem Gonzaga" vemos alto, sonoro Barão, incontestavelmente notável e de grande humor, se destacavam outros, infértil e insignificante, esparsa na memória das abneiras burocráticas.

"Quando fui à Secretaria dos Cultos tratar da questão do Cardal falei em primeiro lugar, como era natural, com o diretor geral dos cultos católicos, o Bispo de Olinda. Era um velho funcionário do tempo do

Império que se fizera diretor e de galeões que vinham da América, gratas ao seu nascimento e à sua antiguidade defuncionário. Homem inteligente, mas vadio, nunca entendera daquilo nem de coisa alguma. Entrava como chefe de secção e durante as horas de expediente o seu máximo trabalho era abrir e fechar a gaveta da sua secretaria. Foi feito diretor e, logo que se rapimpo no cargo, imediatamente arranjou outra atividade. Em falta de qualquer nova utilidade interessante da pátria, o Barão fazia a toda hora e a todo instante a ponta no lapis. Era um gasto de lapis que nunca mais se acabava; mas o Brasil é rico e aprecia o serviço de seus filhos. Quando completou os vinte e cinco anos de serviço, foi feito barão".

Quantos passaram já, desde aí, as nossas vidas!

Gonzaga tem predileções singulares. Gosta de ler as folhas da província onde se agitam a inteligência e a palavra inculca em busca da expressão. Os comentários são sempre interessantes.

— Eu assim, diz ele, a "Pequena", da Cascadura.

Isaia, de fato, a "Pequena", com o seu sumário opulento de filosofia, literatura, matemática entre árabes e indus, da "necessidade regional de corromper a língua portuguesa" e a dissociação da matéria, a casas da semana.

Gonzaga:

— Cascadura dando a nova, hein?

— É verdade.

— E por que não? à vista dos nossos grandes jornais a "Pequena" é uma boa publicação intelectual.

— Um jornal, dos grandes, tu bem sabes o que é: uma empresa de gente poderosa, que se quer adulada e só tem certeza naquelas inteligências já firmadas, registradas, carimbadas etc. etc. Demais, o ponto de vista limitado e restrito dessas empresas não permite senão publicações para as litorâneas medianas, que querem política e assassinatos. Os seus proprietários fazem muito bem o que lhes pede o público... Se não consultam as médias, tem que lisonjear os potestados, os graudos, porem se a serviço deles — genio, em geral, perfeitamente estranha ao tenue espírito brasileiro e que não quer saber de coisas do pensamento desinteressado... Além disso, são necessárias mil curvaturas para chegar até elas, os grandes jornais; e, quando se chega, para não escandalizar a mídia e a grande burguesia, onde eles tem a sua clientela, é preciso atirar fora o que se tem de melhor na cachaça".

O capítulo IX, "O Padrinho", magistral é um dos que mais ao vivo debucham o frágil temperamento da cidade.

Lá vão pela rua do Ouvidor as "francesas", como lhes chamam a todas elas, adventícias, formosas e dominadoras; "tudo acaba nelas"; e para elas que se encantam com as riquezas ancestrais em terras longínquas, em gado nômade e plantações virentes. São para elas que se drenam os ordenados, os subsídios; é a elas também que vão ter o fruto das roubos e os ganhos das favolegas. É uma população, um país inteiro que converge para aqueles sebes de corpos lascivos. E elas continuavam a passar muito grandes, bojudas, como rascos antigos rebocados pelos grandes chapéus de altas plumas, no geito de vejas infladas ao vento. Passavam as duas às quatro, como frota, aquelas frotas de outras tempos esquadras de navios, de caravelas,

gravitando não só elas: faltam o decreto, o aviso ou portaria do poder competente. Bobagens, sem parágrafos, sem sanções presidenciais, não são elas e nem podem ser acatadas.

Então, é possível que ao doutor Xisto calha um pouco de raro e não será tão idiota quanto parece ao romancista. Pelas suas origens históricas, a "lei" era realmente isso, uma criação jurídica. Os sabios das ciências naturais, já tarde, roubaram a palavra e o sentido, tornando-as relações sociais, como as determinadas a antiga jurisprudência. E não só roubaram o vocabulário e o conceito, mas deram ao furto um ar de legitimidade, que excusa a vítima expoliada.

Só hoje a gravitação vale mais que um alvará de solta.

O dr. Xisto Belofoegas é apenas um absurdo e antiquado encarregado de injustiças consumadas.

E tempo de concluir. O que escrevemos, sem dúvida, o bastante para a evidência de um



Lima Barreto, numa caricatura de Hugo Pires

juízo seguro, nos absolve de pa-  
tria viva e de fatigantes lison-  
jas.

Lima Barreto é certamente  
um dos espíritos mais notáveis  
da nova geração de escritores.

Arte, cultura, graca e amena  
simplicidade de estilo: casam-se  
nos dons de harmonia arquitec-  
tonica das suas obras.

Neste momento, cremos que é  
candidato a uma vaga da Academia  
brasileira: em princípio, poucos pouquíssimos, poderiam  
disputar-lhe essa consagração.

Entretanto, há razões práti-  
cas, que o excluem daquela com-  
petência. Uma delas, por ven-  
tura a única de consideração, é  
o fruto de sua própria negligên-  
cia.

Acadêmico que sou, não quero  
nomeá-la, por não cometer um  
desrespeito, levantar um curixume  
ou autorizar uma injustiça.

Em todo caso, a Academia,  
que não peca por exclusivismo,  
cremos, antes pelo contrário,  
realiza as mais largas condescen-  
dências, não é nem pode ser  
o país de Boêmia.

Ela, como o romance do autor,  
também abre portas travessas,  
por onde conseguem entrar os  
Belofoegas de meu feito.

Mas, Lima Barreto entraria  
pela porta principal e talvez  
pela minha mão se fosse sua  
firmo, e eu pudesse entregar-lhe.

(Imparcial, 21-4-1919)

## Bibliografia de Lima Barreto

*Recordações do Escritor Isidro Caminha* — Livraria Clássica de A. M. Teixeira — Portugal — 1909.

*Recordações do Escritor Isidro Caminha*, 2.ª edição, revista e aumentada. Com uma breve noticia e uma errata. — XIII — 234 páginas — Revista dos Tribunais — Rio, 1919.

*Triste fim de Polycarpo Quaresma* — 352 páginas — Tip. Revista dos Tribunais — Rio, 1915.

*Numa e Nnha* — Rio, 1918.

*Vida e Morte de J. M. Gonçaga de Sa* — 201 páginas — Edição da Revista do Brasil — São Paulo, 1919.

*Histórias e Sonhos* — Contos. 188 páginas — Gian Lorenzo Schettino, Lyr. — Ed. Editora — Rio, s. d. (1920).

*O Brasileiro* (satira política sobre o Brasil) — 191 páginas. Jacinto Ribeiro dos

Santos, N.º 1922.  
*Baptistas* — Coleção de arti-  
gos de revistas e jornais —  
217 páginas — Empresa de  
Romances Populares — Rio,  
1923.

*Cemitério dos Vivos*. Romance  
que ficou inacabado. Sua  
ação se passaria no Hôspicio  
de Atenados e é tradicão que  
Lima Barreto o considerava  
sua obra prima.

Entre as várias revistas e  
vários jornais em que Lima  
Barreto colaborou, citemos:  
— *Florula*, que ele próprio editou,  
e onde publicou, inicialmente, as  
*Recordações do Escritor Isidro  
Caminha* (Rio — 1907); *A Epoca*  
(Rio de Janeiro); *Revista Sou-  
sa Cruz* (Rio de Janeiro).

Ultimamente, a revista *Va-  
mos Ler!* tem publicado nu-  
merosos trabalhos do escritor.  
Chamamos a atenção tam-  
bém para o número de maio  
de 1941 da *Revista do Brasil*,  
onde exists um excelente estu-  
dio de Mr. Armando Pereira so-  
bre Lima Barreto.

## Um discípulo de Machado de Assis

LIMA BARRETO — A Vida e Morte de M. J. Gonzaga de São Paulo — 1919.

Dos livros de Lima Barreto se eram sua grande descoberta de vida, Vida na Rua, inadaptable, em que a sua literatura era mais puramente de teatro e humor. Sua obra é uma galleria de encenações sociais, magnificamente tragicônicas. O relatório de Polícarpo Quaresma, tipo social, escondido, sólido e rídiculo, é talvez o que um escritor, um escritor, em seu recôndito, Lima Barreto é um caricaturista. Ainda nos seus tipos preferidos, aquelas que falavam por suas palavras, não desfazem a felicidade do autor, a quem não escapam os defeitos, os fígues, os prazeres das mulheres. São homens, e também basta... Lima Barreto é um humorista da estirpe intelectual de Machado de Assis. Pode-se dizer que, depois deste, é o nosso humorista. Machado de Assis chegou ao humorismo perfeito aquele equilíbrio supremo de pensamento e estilo, nos seus últimos livros. As primeiras produções de sua pena — Hesita ou A Mão e a Lura — eram histórias singeluras de nossa vida urbana, plaididianamente sentimentais. Lima Barreto atingiu o humorismo — do primeiro impulso —, porque essa era a felicidade ingênua do seu espírito. Ressentindo-se por isso, a sua obra de alguma incerteza, de muito desleixo e ainda de uma certa incertitude de pensamento. A revolta contra os maus costumes rompe a mente o verme da ironia. Ainda não alcançou a impossibilidade do "humor". Lá chegará, se renunciar o teatro ou viver.

Se a verdadeira literatura é aquela que cria, diríamos, personagens de ficção mais rigorosa que se fossem históricos — Harpagon, Don Juan, Werther, D. Quixote, conselheiro Acácio ou Brás Cubas — Lima Barreto só enriquece a nossa escassa galeria. Todos os tipos da redação do Gabinete, nas suas "Memórias do Escritor Isidro Caminha", o Polícarpo Quaresma, o Ricardo Coração dos Outros, e agora Gonzaga ou o Xisto Belchior, são personagens de nossas virtudes e defeitos. Seus finidas, simbólos humanos de horas evoluem sempre num mistério especial, que é quase uma personagem. No "Isidro Caminha" foi a imprensa amarela; no "Polícarpo Quaresma", o Jacobinismo rubro; no "Gonzaga de São Paulo", é a repórteria pública. No prefácio da terceira edição escreveu a biografia de um "escritor ministerial". Esteve além de aquém do propósito. O livro é um grande olhar curioso pelas tramas das coisas e das ideias, e todo ele, por assim dizer, interior. Dos vários aspectos do Rio, a quem uma, tira Gonzaga apudres, refletores e concertos suítes, como dono "abstrator de quintessência" que é o "expêndulo do teatro Lírico" (estavam em 1906), as francesas da rua Gonçalves Dias, a gente de Petrópolis, ou o pessoal dos subúrbios, tudo passa pelo seu criado, como semente de livres cigitações engenhosas. Um grande amor pelo Rio e uma verdadeira compreensão de sua paisagem emolduraram a ação que é nula, por assim dizer. O juiz Heitor de Machado de Assis resumiu dessas páginas da itagema sólida pelo mundo das ideias. Foi esse o alcance da intenção do prefácio, sem todavia estender a fundo, nem merecia, o Reparador Público. Tem páginas de belas críticas de ironia sobre a "Secretaria dos Cultos", sobre a "graua" querida dos "sabres no bicho de Tucanilis", no trajar do tipo infantil do Xisto Belchior, o perfeito jacobinismo, mas todo exagerado quanto, que permanece à altura do seu Lima Barreto em de um novo Assis Aceredo.

(Continua na página 107)

# UM CONTO DE

## CLO

Devia ser já a terceira pessoa que lhe sentava à mesa. Não lhe era agradável aquela sociedade com desconhecidos; mas que fazer naquela segunda-feira de Carnaval, quando as confeitarias feziam todas as mesas ocupadas e as cerimônias das outras dias desfaziam-se, dissolviam-se?

Se as duas primeiras pessoas eram desajitadas, sujeitas a alacraneos, o terceiro convivia resgatava todo o desgosto causado pelos outros. Uma mulher ligeira e bem tratada e sempre bonita, se a vista, embora sendo desconhecida, ou, talvez, por isso mesmo...

Estava ali o velho Maximiliano esquecido, só moendo cíclamas, bebendo cervisia, obniente ao seu velho hábito. Se fosse um dia comum, estaria cercado de amigos; mas, os homens populares como ele, nunca o são nas festas populares. São populares a seu leito para os frequentadores das ruas célebres, cafés e confeitarias, nos dias comuns; mas nunca para a multidão que desce das arrabaldes, das subúrbias, das províncias vizinhas, abafando aqueles e como que os atingem. Contudo não se sentia deslocado...

A quinta parada já se esvaziava e a sala continuava a encher-se e a esvaziar-se, a esvaziar-se e a encher-se. Lá fora, o palácio dos maceiros em troca, as longas cantilenes dos cordeões, os risos e as músicas lascivas enchiam a rua de sons e ruídos desencontrados e, dela, vinha à sala uma satisfação de viver, um frenesim de vida e de luxúria que convilvava o velho professor a ficar durante mais tempo bebendo, afastando o momento de entrar em casa.

E esse frenesim de vida e luxúria que faz estremecer a cidade nos três dias de sua festa clássica, naquele momento, diminuía lhe muito as grandes magias de sempre e, sobretudo, aquela telomina e pequenina hora. Ela o pusera assim macambuzão e isolado, embora mergulhado no turbilhão de riso, de alegria, de rumor, de embriaguez e luxúria dos outros, em segunda-feira gorda.

O "jacare" não dera e muito menos a centena. Esse capricho da sorte tirava-lhe a esperança de um conto e pouco — doce esperança que se esvaziava amargosamente naquele crepúsculo de galhofa e prazer.

E que trabalho não tivera ele de Maximiliano, para fazer brotar no seu peito, logo nas primeiras horas da dia! Que chusmas de interpretações de palpites, de exames cabalísticos! Ele bem parecia um augure romano que vem dizer ao Consul se deve ou não oferecer batalha...

Logo que ela lhe assomou aos olhos, como não lhe pareceu certo aquele navagar prevariado dentro do nevoento mar do Mistério, marrando rumo para aquele ponto — o "jacare" — onde encontraria sossego, abrigo durante alguns dias.

E agora, passado o nevoeiro, onde estava?... Estava ainda em mar alto, já sem provisões quase e com debelias energéticas para levar o barco a salvo... Como havia de comprar biscoitos, "confettis", serpentinas, alugar automóvel? E — o que era mais grave — como havia de pagar o vestido de que a filha andava precisada, para se mestrar, sábado próximo na rua do Ouro, em toda a plenitude da sua beleza, feita (e ele não sabia como) da ria carnadura de Itália e de uma forte e exótica exalação sexual... Como havia de dar-lhe o vestido?

Com aquele seu olhar calmo em que não havia mais nem esguio, nem reprovação, nem esperança, o velho professor olhou ainda a sala tão cheia por aquelas horas, tão povoada e animada de mocidade, de talento e de beleza. Ele viu algumas poetas conhecidas, quis chamá-las mas pensando melhor, resolveu continuar só.

O velho dr. Maximiliano não se cansou de observar, um por um, aqueles homens e aquelas mulheres, homens e mulheres cheios de vícios e afeições morais; e ficou um instante a pensar se a nossa vida total, geral, seria possível sem os vícios que a estimulavam; embora a degradem também.

Por esse tempo, então, notou ele a curiosidade e a inveja com que um grupo de modestas meninas dos arrabaldes examinava a "toilete" e os ademanhos das mundanas presentes.

Na sua mesa, atraindo-lhe os olhares, lá estava aquela formosa e famosa Epónima, a mais linda mulher pública da idade, produto combinado das imigrações italiana e espanhola, extraordinariamente estúpida, mas com um olhar de abismo, cheio de atenções, de promessas e de voluptuosa.

E o velho lente olhava tudo aquilo pausadamente, com a sua indulgência de infeliz, quando lhe veio o pensar na casa, naquele seu lar, onde o luxo era uma agrura, uma dor, amaciada pela música, pelo canto, pelo riso e pelo álcool.

Pensou, então, em sua filha, Clódia — a Cló, em família — em cujo temperamento e feito de espírito, havia estofo de uma grande hetaira. Lembrou-se com casta admiração de sua carne veludosa e palpitante, do seu amor às danças lubrificas, do seu culto à "toilete" e ao perfume, do seu fraco senso moral, do seu gosto pelas licoras fortes; e, de repente e por instantes, ele a viu coroada de hera, cobrindo mal a sua magnifica nudez, com uma pele moqueada, o ramo de tiro erguido, dansando, religiosamente bebida cheia de fúria sagrada de bacante: "Eve", "Bacó",

E essa visão antiga lhe passou pelos olhos quando a Epónima ergueu-se da mesa, iluminando as pulsares e berloques caros, chamarando muito a atenção de Mme. Rego da Silva que, em companhia do marido e da sua extremosa amiga Dulce, amante de ambos, no dizer da eldade, tomavam sorvetes numa mesa ao longo.

O doutor Maximiliano ao ver aquelas joias e aquele vestido, voltou a lembrar-se de que o "jacare" não dera; e reflectiu, talvez com profundez, mas certo com muita amargura, sobre a má organização da nossa sociedade. Mas não foi adiante e procurou desviar o problema da sua multiplicação em Cló, tão maravilhosa e tão rara. Como é que ele tinha posto no mundo um exemplar de mulher assim viciosa e deslindada como era a filha? De que misteriosa céluia sua alma saiu aquela floração exuberante de fémea humana? Vinha de onde essa mulher? De quem? Ou de sua mulher só, da qual sua carne apalhada e sedenta que irredipida quando lhe recebia as leções de piano, na era das pais?

Não podia parecer, resolver o caso. Aproximava-se o doutor André com o seu rosto de ídolo pernambucano, duro, sem mobilidade alguma na fisionomia, arrebatado, ondulado e duro do ar do pincel.

Era um homem forte, de largos dentros, musculoso, torax

saliente, saltando; e, se bem tivesse as pernas arqueadas, assim mesmo um belo exemplar da raça humana.

Lamentava-se que ele fosse um bachelier vulgar e um cão obscuro. A sua falta de agilidade intelectual, de inteligência, de distilade, a sua fraca capacidade de absorver o débil poder de associar ideias não podiam fosse ele um bachelier. Ele seria rei, estaria no seu quadro natural, na Câmara, mas, remando em águas ou igarás nos meus rios, ou distendendo aquelas fortes areias de iri que cheias fervidas com cura.

Era o seu último amigo, entretanto o mais condescendente de um mesa lucubrada.

Deputado como já ficou dito, e rico, representava a marinha galhardia e liberalidade uma fábrica manufatura das salas burguesas; e, apesar de casado, a filha do antigo professor, a ligeira Cló, esperava casar-se com ele, pela mão do Sol, um novo culto recentemente fundado por um novo sorriso ilustrado e sem emprego.

O velho Maximiliano nada de definitivo pensava sobre os projetos; não os aprovava, nem os reprovava. Limitava-se a pequenas reprimendas sem convicção, para que o casal



Ilustração de Euclides Soárez para o conto "Clo", de Lima Barreto. "Vidas Leis" — 1943.

# LIMA BARRETO

efetuado sem a bênção do sacerdote do Boi ou de quem. Isto fazia, era para não precipitar as coisas; ele gosava desdobramentos naturais e encadeados, das passagens das inflexões doces e detestava os saltos bruscos de um para o outro.

— Doutor, ainda por aqui? fez o rico parlamentar.  
— Verdade, respondeu-lhe o velho. Estou fazendo o meu rezando à minha missa... E' a quinta... que loma, dom?

Um "madeira"... Que tal o Carnaval?

Como sempre.

Depois, voltando-se para o caixeteiro:  
Outra cerveja e um "madeira", aqui para o doutor. Outra cerveja.

O caixeteiro atisou-se, levando a garrafa vazia, e o doutor berrou:

— Isabel não veio?

— Não. Minha mulher não gosta das segundas-feiras de Carnaval. Achava-as desenxadas... Ficaram, ei, a Cló, em casa, e se preparam para o baile à fantasia na casa dos Silvás.

O senhor vai?

Não, meu caro senhor: do Carnaval, eu só gosto dessa barata da rua, dessa música selvagem e sincopada de recorridos de pandeiros, de bombos, desse estridulo de fanfarrões instrumentos de metais... Até do bombo gosto, mais nada! Essa gente é farta, fazem bem a sim! Não irei... Agora, se o doutor quiser ir... Cló vai de prata minha.

— Vá-lhe ficar muito bem... Não posso ir; entretanto, levo a casa para ver a sua senhora e a sua filha fantasiadas. O que devia também ir...

— Que tinha?

— Olá, doutor! Eu ando sempre com a máscara no rosto. E a senhora leva com amargura; o deputado pareceu não compreender e observou:

Mas, a sua fisionomia não é tão decrépita assim... Maximiliano ia objetar qualquer coisa quando o caixeteiro, com as bebidas, no tempo em que Mme. Rego da Silva e o doutor levantaram-se com a pequena Dulce, amante de ambos, no dizer da cidade em peso.

O portamente olhou-os bastante com o seu seguro ar de quem tudo pode. Ouviu que ao lado diziam — à passagem dos três — "mangue a trois". A sua simplicidade provinciana não compreendeu mal e logo dirigiu-se ao velho professor:

— Jantam em casa?

— Fazemos, e o doutor não quer jantar conosco?

— Obrigado. Não me é possível ir hoje... Tenho um compromisso sério... Mas, fique certo, que, antes de sairmos, irei vestir um "wiskizinho"... Se me permite?

— Oh! Doutor! O senhor é o nosso melhor amigo. Não, imagine como todos lá falam no senhor. Isabel levanta-se a pensar no doutor André. Cló, essa nem se fala! Até o caçula quando o vê, não late; faz-lhe festas, não é?

— Como isso me cumula de...

— Andá há dias. Isabel me disse: Maximiliano, eu nunca bebi em Chamberlin como esse que o doutor André nos mandou. O meu filho, o Fred, sabe até um dos seus discursos de cor... de tanto repetí-lo, creio que sei de memória vários trechos dele.

A face rígida do ídolo, com grande esforço, abriu-se um pouco, disse, ao jeito de quem quer o contrário:

— Não vá agora recitá-lo.

— Certo que não. Seria inconveniente; mas não estou impedido de dizer, aqui, que o senhor tem muita imaginação, beleza e uma forma magnífica.

— O principalmente ainda, por isso não me fala mal acelarar a agradecer a animação.

Uma pausa, tomou um pouco da vinho e continuou em silêncio:

— O homem sabe perfeitamente que espécie de força me prende... Um sentimento acima de mim, uma solicitação, talvez, a mais que os senhores puseram na minha vida... Bem, entendo, interrompeu cheio de comédia o dr. Maximiliano:

— Os copos e ambos tocaram os seus, rostando o par a conversa dessa maneira:

— Deixa aí, hoje?

— Não. Desci para espiar o "cavar". E' dura esta "Cavar"! Conto é triste dizer-vos isto! Mas que se lhe fala! Carinha-se uma miséria... Um professor com oito mil réis o que é? Tornar-se a família, representação... Uma maravilha! Ainda agora, com tantas dificuldades, é que Cló deve tornar banhos de leite...

— Que ideia! Onde aprendeu isso?

— Meu! Ela diz que tem não sei que propriedades, certas virtudes... O dr. André é que tentou de pagar uma conta estuprada no "Cavar".

— São banhos de ouro, é que são! Jogo nos bichos... Hoje tanta febre no "jatácaré".

O caixeteiro passava e ele recomendou:

— Baldomero, outra cerveja. O Dr. não toma mais um "madeira"?

— Vá lá, Ganhou, doutor?

— Qual! E não imagina que falta me fez?

— De quer...

— Por quem é, meu caro; deixe-se dizer! Então há de ser assim todo o dia?

— Que tem!... ora... Nada de cerimônias, é como se fosse de um filho...

— Nada disso... Nada disso...

— Pergunho que não entendia a recusa, o doutor André foi retirando da carteira uma bela nota, cujo valor nas aligátoras do "Cavar".

O deputado ainda esteve um pouco; em breve, porém, se deu conta, reiterando a promessa de que iria até a casa do professor, para ver as duas senhoras fantasiadas.

O doutor Maximiliano bebeu ainda uma garrafa e acabou a cerveja, saiu vagarosamente, um tanto trôpego.

A porta já tinha caído de há muito. Era já noite fechada. Os bairros e os bandos carnavalescos continuavam a passar, batendo, gritando desesperadamente. Homens e mu-

lheres de todos os coros — os alicerces do país — vestidos de moça, "canilares" e "enduapés" de penas multicoloridas, tinguidas, dançavam na frente, ao som de uma zabumbada africana, tamponada com fúria em instrumentos selvagens, rouxinholas, uns, estridentes, outros. As danças tinham luxuriosos requeres de quadrilha, uns coprichosinhos trocar de pormenores, umas quedas imprevistas.

Aqueles fantasiados tinham guardado na memória musicas velhas gestos dos avoengos, mas não mais sabiam coordená-los nem a explicar os mesmos. Eram restos de danças guerrilheiras ou religiosas das selvagens de onde a maioria destas provinha, que o tempo e outras influências tinham transformado em palhaçadas carnavalescas.

Certamente, durante os séculos de escravidão, nas cidades, os seus antepassados só se podiam lembrar daquelas cerimônias de uns aringas ou tabas pelo Carnaval. A tradição passou aos filhos, aos netos e estes estavam ali a observá-la com inevitáveis deturpações.

E, o doutor Maximiliano, apaixonado amador de música antiga professor de piano, para poder viver e formar-se, devia-se um pouco, para ouvir aquelas bizarras e bárbaras cantorias, pensando na pobreza de invenção melódica daquela gente. A frase, mal desenhada, era curta, logo cortada, interrompida, encadada pelos rufos, pelo ranger, pelos guinchos de instrumentos selvagens e ingênuos. Um instante, ele pensou em continuar uma dasquelas cantigas, em completá-la; e a ária veio-lhe inteira, no ouvido, provocando o antigo professor de música a fazer parar o "Chuvito de Ouro", afim de ensinar-lhe, aos cantores, o que a imaginação lhe havia trazido à cabeça nesse momento.

Arrependeu-se que tivesse dito gostar daquela barulhada; porém, o amador de música vencia o homem desgostoso. Ele queria que aquela gente entoasse um hino, uma cantiga, um cante com qualquer nome, mas que tivesse regra e beleza. Mas — logo imaginou — para quê? Corresponderia à música mais ou menos artística aos pensamentos intimos dele? Sera mesmo a expansão dos seus sonhos, fantasias e dores?

E, devagar, saiu indo pela rua em fora, cobrindo de alguma túnica toda a puerilidade aparente daquelas esgaras e berros, que bem sentia profundos e próprios daquelas criaturas grosseras e de raças tão vírias, mas que encontravam naquele vezerio barbárcos e ensurdecedores meio, de fazer perecer os seus sofrimentos de raça e de individuo e exprimir também as suas ansias de felicidade.

Encaminhou-se direto para a casa. Estava fechada: mas as luzes na sala principal, onde tocavam e dansavam.

Atravessou o pequeno jardim, ouvindo o piano. Era sua mulher quem tocava; ele o admirava pela seu "velouté", pela maneira de ferir as notas, muito docemente, sem deixar quase perceber a impulsão que na dedos levavam. Como ela tocava aquele tangó! Que paixão punha naquela música inferior!

Lembrou-se enião dos "cordões", dos "ranchos", das suas cantilhões ingênuos e bárbaros, daquela ritmo especial a elas que também perturbava sua mulher e abrasava sua filha. Por que caminho lhes tinha chegado ao sangue e à carne aquele gosto, aquele pendor por tais músicas? Como havia correlação entre elas e as almas daquelas duas mulheres?

Não sabia ao certo; mas viu em toda a sociedade complicados movimentos de trocas e influências — trocas de idéias e sentimentos, de influências e paixões, de gostos e inclinações.

Quando entrou, o piano cessava e a filha descansava, no sofá, a fadiga da dança lubrica que estivera ensaiando com o irmão. O velho ainda ouviu indistintamente o filho dizer: é assim que se dansa nas Democráticas.

Clá logo que o viu, correu a abraçá-lo e, abraçada ao pai, perguntou:

— André não vem?

— Virá.

Mas, logo, em tom severo, acrescentou:

— Que tem você com André?

— Nada, papai; mas ele é lido bom.

Quis Maximiliano ser severo; quis apoiar-se da sua respeitável autoridade de pai da família; quis exercer o velho sacerdócio de sacrificador nos deuses Penates; mas era cético demais, cíduvada, não acreditava mais nem no seu sacerdócio nem no fundamentalismo de sua autoridade. Ralhou, entretanto, franzidamente:

— Você precisa ter mais compostura, Cló. Veja que o doutor André é casado e isto não fica bem.

E isto, todos entravam em explicações. O respeitável professor foi vencido e convencido de que a afeição da filha pelo deputado era a coisa mais inocente e natural deste mundo. Foram jantar. A refilhão foi tomada rapidamente. Fred, contudo, podia dar algumas informações sobre os preâmbulos carnavalescos do dia seguinte. Os Fenianos perderiam na certa. Os Democráticos tinham gasto mais de sessenta contos e iam pôr na rua uma coisa nunca vista. O carro do estandarte que era um templo japonês, havia de faver um "bruto sucesso". Demais, as mulheres eram as mais lindas, as mais bonitas... Estariam a Alice, a Charlotte, a Lolita, a Carmen...

— Ainda tem muito cloré? perguntou Cló.

— Ainda tem muito cloré, à noite, com a luz elétrica, nas ruas largas...

E Cló, por instantes mordeu os lábios, suspendeu um pouco o corpo e via-se em tâmbor, no alto de umas daquelas carroças, iluminada pelos fogos de bengala, recebida com palmas, pelos meninos, pelas rapazes, pelas moças, pelas burguesas e burgueses da cidade. Era o seu triunfo, a metá de sua vida; era a proliferação impoderável de sua beleza em sonhos, em anseios, em idéias, em violentos desejos daquelas almas pequenas, sujeitas ao império da convenção, da regra e da moral. Tomou a cerveja, todo o copo de um gole. Bimpou a espuma dos lábios; e o seu leve buço surgiu lindo sobre os breves lábios vermelhos. Em seguida, perguntou ao irmão:

— E essas mulheres ganham?

— Qual! Você não vê que é uma honra, respondeu-lhe o irmão.

E o jantar acabou sério e familiar, embora a cerveja e o vinho não tivessem faltado aos devotos de cada uma das duas bebidas.

Logo que a refilhão acabou, talvez uns vinte minutos após, o doutor André se faria anunciar. Desculpou-se com as senhoras; não entendera vir jantar, questões políticas, uma conferência... Pediu licença para oferecer suas penosas lembranças.

(Continua na página seguinte)



Lima Barreto, num traço de Van Dyck.

## Um discípulo de Machado

(Continuação da pág. anterior)

Gonzaga de Sá é um velho irmão de mr. Bergeret e do conselheiro Aires, que encara o mundo seu preconceitos, com um amor entranhado pelos humildes e sofredores, e uma intima queda pelo paradoxo, enigmático. Sá, incomprendida, amargo, mantendo a custo a máscara do riso, desaparecida para a luta social, Gonzaga fala pelo autor.

Algumas palavras de mal conteúdo emocional, no fim do volume, parecem indicar que as pinturas de Gonzaga e da Escolástica encobrem dois personagens do autor, que o acolheram em pequeno — como na história os dois velhos recém-chegados, Afonso Manuel, o orjão pobre e sapaz, "Benedictos a ambos que, na sua missão educadora, souberam ser bons sem interesse e sem cálculo de especie alguma, apostar de todos os dois, têrem concorrido para ampliar, com o hábito de andar e reflexo que o estudo traz, a consciência da criança, que devia ficar restrita aos dados elementares, para o uso do humor comum, sem que viessem surgir nelas uma mágoa constante e um fatal princípio, permanente de inadequação ao mundo, criando-lhe um mal estar irremediável e, consequentemente, um desgosto da vida mais afeiçado do que o pensamento sempre presente da morte". Não encobrem estas pinturas um auto retrato?

Seu estilo é amplo, corrente, sem formas fixas nem redundâncias de expressão. O absoluto desinteresse pela forma cuidada levou-o a descaladas acuacianas como — "a gabada Avenida Bela-Mor" ou "grandioso Guanabara" — ou a comparações de postos distantes no gênero de — "cumprimento petropolitano" — ou — "estilo botafogo".

Sem embargo, em a natureza e a clareza de quem pensa facilmente. Escreve com sinceridade e sem esforço, como pensa.

Humorista, caricaturista, com uma visão dolorosa dos males e ridículos sociais, temperada pelo pudor de sofrer. Lima Barreto procura esquecer o quotidiano — vinum laetificat cor hominis. O desconcerto de sua obra resente-se da boemia de seu viver. Contudo é mais humana de nossas romancistas, e de mais vasta mirada. Criou tipos imprevisíveis e perpétuos na nossas metas urbanas de maior caráter — a imprensa, a política, a repartição — fizendo a paisagem familiar do Rio. Que o mal de viver não emudeça esse raro e doloroso artista, que conhece o segredo da arte literária — escrever nas entrelógias. (Contribuição à História do Modernismo).



# ULTIMOS ENCONTROS - LIMA BARRETO.

Dormiu magnificamente, em um amplo quarto desse das velhas casas do Rio de Janeiro que dava bem a imagem da fartura e da liberdade da nossa borboleta nos meandros do século passado. Era maior do que as calles das nossas apelitradas casas de hoje. Despersei maravilhada, o quarto em que dormi dava para a sala de jantar. Penetrando ai, dei-me conta de Escolástica, de plácido sorriso verdes, a viver atentamente o pequeno Aleixo Manoel que tomava uma ligeira sesta matinal antes de ir para a escola. Gonzaga de Sá dormia ao lado.

— Por que?

— Porque o Brasil faz parte da América, e quem descobriu a América, também o Brasil, porque ele está na América.

— Então foi Christovam Colombo quem descobriu o Brasil? Que respondê?

O rapaz calou-se, franziu um instante as sobrancelhas e, depois, disse com toda a firmeza:

— Não. Colombo foi quem viu pela primeira vez um lugar na América, por isso se diz que descobriu ela toda; mas Cabral viu depois, pela primeira vez, terras do Brasil, por isso diz-se que descobriu o Brasil.

A custo, disfarçei a minha surpresa diante da clareza do raciocínio do pequeno. Não quis com um elogio caloroso agradecer-lhe a valéidade; desejava que sua inteligência fosse crescendo sem conciliação de si próprio; e então quando fosse bem forte, ele tivesse conhecimento da sua capacidade, como uma surpresa. Limitei-me a dizer:

— Tudo aquela criatura, tudo o que eu queria lembrar da minha infância e da juventude, das esperanças da militância, em suas costas obliterado silencioso. Eram os amigos e os professores da minha profissão; eram também os dolorosos desafios da minha mocidade, a quietude e desgosto... Não podia investir com mim a sua confiança, com a sua rigidez, a inteligente, e a sua redonda cabeca de homem de caráter! Ele me olhou, com saudade maternal, respeitou-me e me sentei. A veida d'Escolástica informou-me que o irmão erguera cedo e trabalhava na saia. Remorei-me uns tempos a considerar e, de caminho, falei a mim:

Nelas muito adiantado?

O Aleixo Manoel relutou em responder a velha senhora, porém, obrigou-o a fazê-lo com pressa:

— Responde, Aleixo, não estou sujeito o que te perguntar! Responde: estas adiantadas?

— Não estou, não senhor; respondeu ele afinal.

— Em que livro estás?

— Terceiro.

— Quem nove anos, vai bem. Faz animando-o. Já dás a lição do Brasil?

— Sim, senhor.

— Nunca descobri o Brasil?

— Pedro Álvares Cabral.

— América?

— Christovam Colombo.

— Qual foi a primeira des-

coverta, a da América ou a do Brasil?

— A da América.

— Por que?

— Porque o Brasil faz parte da América, e quem descobriu a América, também o Brasil, porque ele está na América.

— Então foi Christovam Colombo quem descobriu o Brasil?

O rapaz calou-se, franziu um instante as sobrancelhas e, depois, disse com toda a firmeza:

— Não. Colombo foi quem viu pela primeira vez um lugar na América, por isso se diz que descobriu ela toda; mas Cabral viu depois, pela primeira vez, terras do Brasil, por isso diz-se que descobriu o Brasil.

A custo, disfarçei a minha surpresa diante da clareza do raciocínio do pequeno. Não quis com um elogio caloroso agradecer-lhe a valéidade; desejava que sua inteligência fosse crescendo sem conciliação de si próprio; e então quando fosse bem forte, ele tivesse conhecimento da sua capacidade, como uma surpresa. Limitei-me a dizer:

— Tudo aquela criatura, tudo o que eu queria lembrar da minha infância e da juventude, das esperanças da militância, em suas costas obliterado silencioso. Eram os amigos e os professores da minha profissão; eram também os dolorosos desafios da minha mocidade, a quietude e desgosto... Não podia investir com mim a sua confiança, com a sua rigidez, a inteligente, e a sua redonda cabeca de homem de caráter!

Ele me olhou, com saudade maternal, respeitou-me e me sentei. A veida d'Escolástica informou-me que o irmão erguera cedo e trabalhava na saia. Remorei-me uns tempos a considerar e, de caminho, falei a mim:

Nelas muito adiantado?

O Aleixo Manoel relutou em responder a velha senhora, porém, obrigou-o a fazê-lo com pressa:

— Responde, Aleixo, não estou sujeito o que te perguntar! Responde: estas adiantadas?

— Não estou, não senhor; respondeu ele afinal.

— Em que livro estás?

— Terceiro.

— Quem nove anos, vai bem. Faz animando-o. Já dás a lição do Brasil?

— Sim, senhor.

— Nunca descobri o Brasil?

— Pedro Álvares Cabral.

— América?

— Christovam Colombo.

— Qual foi a primeira des-

coverta, a da América ou a do Brasil?

— A da América.

— Por que?

— Porque o Brasil faz parte da América, e quem descobriu a América, também o Brasil, porque ele está na América.

— Então foi Christovam Colombo quem descobriu o Brasil?

O rapaz calou-se, franziu um instante as sobrancelhas e, depois, disse com toda a firmeza:

— Não. Colombo foi quem viu pela primeira vez um lugar na América, por isso se diz que descobriu ela toda; mas Cabral viu depois, pela primeira vez, terras do Brasil, por isso diz-se que descobriu o Brasil.

A custo, disfarçei a minha surpresa diante da clareza do raciocínio do pequeno. Não quis com um elogio caloroso agradecer-lhe a valéidade; desejava que sua inteligência fosse crescendo sem conciliação de si próprio; e então quando fosse bem forte, ele tivesse conhecimento da sua capacidade, como uma surpresa. Limitei-me a dizer:

— Tudo aquela criatura, tudo o que eu queria lembrar da minha infância e da juventude, das esperanças da militância, em suas costas obliterado silencioso. Eram os amigos e os professores da minha profissão; eram também os dolorosos desafios da minha mocidade, a quietude e desgosto... Não podia investir com mim a sua confiança, com a sua rigidez, a inteligente, e a sua redonda cabeca de homem de caráter!

Ele me olhou, com saudade maternal, respeitou-me e me sentei. A veida d'Escolástica informou-me que o irmão erguera cedo e trabalhava na saia. Remorei-me uns tempos a considerar e, de caminho, falei a mim:

Nelas muito adiantado?

O Aleixo Manoel relutou em responder a velha senhora, porém, obrigou-o a fazê-lo com pressa:

— Responde, Aleixo, não estou sujeito o que te perguntar! Responde: estas adiantadas?

— Não estou, não senhor; respondeu ele afinal.

— Em que livro estás?

— Terceiro.

— Quem nove anos, vai bem. Faz animando-o. Já dás a lição do Brasil?

— Sim, senhor.

— Nunca descobri o Brasil?

— Pedro Álvares Cabral.

— América?

— Christovam Colombo.

— Qual foi a primeira des-

coverta, a da América ou a do Brasil?

— A da América.

— Por que?

— Porque o Brasil faz parte da América, e quem descobriu a América, também o Brasil, porque ele está na América.

— Então foi Christovam Colombo quem descobriu o Brasil?

O rapaz calou-se, franziu um instante as sobrancelhas e, depois, disse com toda a firmeza:

— Não. Colombo foi quem viu pela primeira vez um lugar na América, por isso se diz que descobriu ela toda; mas Cabral viu depois, pela primeira vez, terras do Brasil, por isso diz-se que descobriu o Brasil.

A custo, disfarçei a minha surpresa diante da clareza do raciocínio do pequeno. Não quis com um elogio caloroso agradecer-lhe a valéidade; desejava que sua inteligência fosse crescendo sem conciliação de si próprio; e então quando fosse bem forte, ele tivesse conhecimento da sua capacidade, como uma surpresa. Limitei-me a dizer:

— Tudo aquela criatura, tudo o que eu queria lembrar da minha infância e da juventude, das esperanças da militância, em suas costas obliterado silencioso. Eram os amigos e os professores da minha profissão; eram também os dolorosos desafios da minha mocidade, a quietude e desgosto... Não podia investir com mim a sua confiança, com a sua rigidez, a inteligente, e a sua redonda cabeca de homem de caráter!

Ele me olhou, com saudade maternal, respeitou-me e me sentei. A veida d'Escolástica informou-me que o irmão erguera cedo e trabalhava na saia. Remorei-me uns tempos a considerar e, de caminho, falei a mim:

Nelas muito adiantado?

O Aleixo Manoel relutou em responder a velha senhora, porém, obrigou-o a fazê-lo com pressa:

— Responde, Aleixo, não estou sujeito o que te perguntar! Responde: estas adiantadas?

— Não estou, não senhor; respondeu ele afinal.

— Em que livro estás?

— Terceiro.

— Quem nove anos, vai bem. Faz animando-o. Já dás a lição do Brasil?

— Sim, senhor.

— Nunca descobri o Brasil?

— Pedro Álvares Cabral.

— América?

— Christovam Colombo.

— Qual foi a primeira des-

coverta, a da América ou a do Brasil?

— A da América.

— Por que?

— Porque o Brasil faz parte da América, e quem descobriu a América, também o Brasil, porque ele está na América.

— Então foi Christovam Colombo quem descobriu o Brasil?

O rapaz calou-se, franziu um instante as sobrancelhas e, depois, disse com toda a firmeza:

— Não. Colombo foi quem viu pela primeira vez um lugar na América, por isso se diz que descobriu ela toda; mas Cabral viu depois, pela primeira vez, terras do Brasil, por isso diz-se que descobriu o Brasil.

Injusto, fazendo que as lhe enfraqueça deslumbravelmente o im-  
peto inicial?

Ori que d'Escolástica não  
me compreendera, e procurei  
dizer a mesma coisa por outras  
palavras.

— Quem sabe se, na primei-  
ra idade, eles estudam porque  
desconhecem certas coisas que,  
sabidas mais tarde, lhes fazem  
desanimar e sentir vio o es-  
tudo?

— Qual, doutor! (Ela me tra-  
tava dessa maneira) — E' assim  
sim mesmo!

E calou-se, depois de sua se-  
gura afirmção, como os gran-  
des e infantis abóbos do nos-  
so Brasil.

Tomei café e fui ter com  
Gonzaga de Sá na sua vasta  
sala de trabalho. Ele recosta-  
do na cadeira de balanço, lia  
atentamente um jornal.

Saudamo-nos e logo lhe ob-  
servei:

— Julgava-te na arrumação,  
mas vejo que estás embevecido  
na leitura das gazetas.

Una jornal francesa que  
acabou de receber. Adic a ar-  
rumação.

— Qual é o jornal?

— O "Fígaro". Leio um por  
dia, como se fosse publicado  
aqui e entregue de manhã na  
minha porta. Ando sempre, por  
isso mesmo, atrasado com os  
acontecimentos mundiais.

— Em que ponto está a Con-  
ferência de Haia?

— Na classificação das na-  
ções.

— Não cheguei ainda ai...  
Estou atrasado...

— Onde está?

— Na nomeação de comis-  
sões.

— De modo que sempre an-  
das quase dias atrasado com o  
mundo?

— As vezes, muito mais...  
Oras o tempo. Uma noção sub-  
jetiva, que só existe para nós.  
Uma fatalidade da nossa orga-  
nização cerebral. Independente  
da experiência. Um critério,  
uma categoria para a nossa in-  
terpretação humana dos fenô-  
menos. De que vale?

Nada respondi, porque não ti-  
nha nada a responder. O meu  
velho amigo, após um pequeno  
silêncio, perguntou-me:

— Viste o Aleixo Manoel?

— Vi.

— Que te pareceu?

— Avidado e inteligente.

— Graças a Deus.

E tornou de novo ao jornal  
frances que estava lendo. Apun-  
heli os jornais do dia, em clima  
de da mesa do centro; lhe as-  
sim pelas nove horas, despe-  
di-me. Nós acudí o olhar  
cheia tarde à repartição.

— Ao despedir-me, Gonzaga me  
pediu:

— Venha mais a meudo, para  
conversar com Aleixo. Ele vive  
tudo sozinho.

Depois da morte do seu com-  
padre, a sua constante preocu-  
pação era o afilhado. Sem ne-  
nhum pretexto, sem causa nem  
motivo, em meio de uma pa-  
lestra sobre assunto muito di-  
verso, dava-lhe para falar no  
filho do Romântico. Uma voz  
dizia: Preciso levá-lo-me ao museu...  
outra, talvez fosse bom pô-lo da  
interno, para ganhar convi-  
lência, desembarraco, hábitos  
de sociabilidade. Que achas?

Eu possuia poucas aptidões  
profissionais, que o Romântico  
respondia evasivamente. No-  
tava, entretanto, que a presen-  
ça constante da criança, na con-  
templosa dela todo o dia, na  
intimidade familiar, tinha afe-  
liado aquele altercamento de hu-  
mor no temperamento do meu  
velho amigo, que lá observava;

e trouxera mal uma carga de  
apreensões que não lhe eram  
habituais. Mudara... Gonzaga  
amava ternamente o rapaz;  
via-se bem que o queria como  
seu filho e assim o tratava nos  
menores atos, e não mais sim-  
ples palavras que lhe dirigia  
pumba a melindre e a docura  
do pai. Depois desta visita,  
mais de uma vez, porém, ou o



Um dos retratos mais divulgados de Lima Barreto

surpreendi a olhar o afilhado mesa e o seu humor continuado com olhar de sibila. Havia não sei que grande esforço de penetração na sua mirada, que eu quis bem ver estar ele no propósito de declarar o futuro de cortado por bruscas explo-  
sões de irritações, de queixu-  
mas indignos de sua alívio, em geral pueris e seu fundamen-  
to, passando espantosa-  
mente da mais intensa tristeza  
para a mais ruidosa alegria.

Alexio Manoel, o afilhado, trouxe-lhe — quer saber? — para a vida, alguma coisa que queria não viesse lamela, ou não reaparecesse nunca; e ele sofría com isso, entristecia-se, alquebrava-se de corpo e alma, sem que fosse possível a mim atribuir diretamente tais modifi-  
cações no meu amigo, ao de-  
cil, ao milagro, ao obediente Aleixo Manoel que ele puxava em sua casa, afim de ficar sen-  
do seu filhinho.

— hei de fazê-la gente, di-  
zinha-me às vezes, chão de es-  
perança e de alegria.

Não podia levá-lo até o fun-  
eral para encantar o pequeno curso de  
preparatórios, logo por si, foi quando ele rebentou a flor, caiu,  
e morreu...

A tia levou o menino até o fim,  
com todo o carinho e abriga-  
ção.

Bem-dis a ambos, que, na sua misericórdia educadora, suberam ser bons, sem interesse e sem cál-  
culo de espécie alguma, apesar  
de todos os onzes terem concor-  
rido para ampliar, com o há-  
bito de análise e reflexão que  
o estudo trás, a consciência da  
criança que devia ficar restrita  
aos dildos elementares para  
o uso do viver comum, sem que  
viessem surgir nela nenhuma  
deusa constante e um fatal prin-  
cipio permanente de inadapta-  
ção ao meio criando-lhe um  
mal estar irremediável e, con-  
sequentemente, um desgosto da  
vida mais afeiçado do que o pen-  
samento sempre presente da  
morte!

Que importa isso, porém, se  
as atenções dos velhos foram  
generosas; e se os softinements  
do pequeno, enterlhando al-  
gum dia com grandes atos ou  
em grandes obras, possa con-  
correr mais tarde para o con-  
tratamento de nenhuma das  
igualas que vierem depois? Que  
importa?

A felicidade final dos ho-  
mens e o seu mátno entendimen-  
to tecem exigido até aqu  
maiores sacrifícios...

(J. M. Gonçaga de Sá)

**LIMA BARRETO**

**VIDA E MORTE**

DE

M. J. GONÇAGA DE SA

S. Henr. J. M.  
Lima Barreto  
27-3-6  
Lima Barreto

Dedico a C. Lima Barreto e Heróis Foste, meu exemplar de "Triste Fim de Polycarpo Quaresma" (O exemplar pertence ao sr. Antônio Aranha)

### Correspondência de escritores

## CARTA DE LIMA BARRETO A ALMEIDA MAGALHÃES

Em 15 de Julho de 1918.

Meu caro sr. Almeida Magalhães.  
Belo Sudeste.

Por intermédio do nosso caro amigo Jackson, recebi o seu livro sobre "Fárias Brito e a Renascença Britânica".

Ele é muito, desde os tempos em que passou na Escola Politécnica do Rio de Janeiro, que se ardentemente fazia leitura filosófica.

Quando atiei por lá, em casa ou na biblioteca, há o meu avô, Brito.

Desse, o Comte, o Spencer e mesmo Kant; mas, desde que a abandonou, todo me voltei para a Literatura, para a História e para questões econômicas e sociais.

Sobretudo agora para estas, pois estou dedicado a dar o mais tenaz combate à burguesia e ao clericalismo que a apóia. De modo que, meu caro sr. Almeida Magalhães, não estou bem a vontade para falar sobre o seu livro. É a matéria de Brito, não sou eu um usurpador e já não sou nem magistério.

A não ser os livros de Jackson, de Foster e agora o seu

sobre o湍ido e abnegado Parma Brito, o último livro que li em relação a ele foi "A Estética de Schopenhauer", de André Fanfani.

Entretanto, sigo o trabalho que

os senhores estão fazendo para discutir o pensamento de Fárias Brito, e, em livros, especiei-me diante-lhe, li graças ainda ao Jackson. No seu estudo sobre o nosso grande filósofo, eu terei muito que lhe observar, com os meus restos de cartesianismo e meu continuo, mas limitado, a dizer-lhe que muito me agrada, malgrá Comte, a sua defesa de intraspecie.

Eu ainda jingo o mais seguro processo para a análise psicológica e todos os outros que não por acaso, viajaram de mim.

Há a tal respeito um artigo de Gaston Reugeot — Resultados da psicofisiologia. Revue des deux mondes, de 1 de setembro de 1896, que é elucidativo tal respeito.

Como o sr. vota desses estudos, com a liberdade de recomendá-los à leitura que, a um profundo conhecimento, pareceu de uma lucrativa esmagadora contra as pretensões de certa geometria (?) dos Wundt, don Juanets, etc.

Espero que o sr. não veja nessas palavras, senão o desejo de agradecer-lhe a oferta de seu valioso livro, e nunca a pressuposição que possa eu entender de materiais tão transcendentais.

Seu mais, confrade e admirador,  
Lima Barreto.

## ALGUNS JUIZOS SOBRE LIMA BARRETO

MELEIROS E ALBUQUERQUE: ADOASTO DE GODOY:

"O Triste Fim de Polycarpo Quaresma" — prova mais uma vez que o sr. Lima Barreto é um admirável romancista. O livro tem os melhores característicos dos bons romances: suscita, de princípio a fim, o maior interesse e desenrola rigorosamente tipos que a nossa imaginação evoca com inteira nitidez."

ANTONIO TORRES:

"O único romancista de valor, e único romancista verdadeiro e que é um dos grandes homens deste país, não faz parte da Academia: é Lima Barreto".

Oliveira Lima:

"O sr. Lima Barreto é no romance brasileiro que Hogarth foi na pintura inglesa. Ambos pintam os ridiculos e as faltas da sociedade em que se movem. Ninguém hoje, no Brasil, cultiva o gênero literário do romance com tanto talento e tanta felicidade quanto esse ironista sem rebuscas nem artifícios."

CONDE AFONSO CELSO:

"Em Lima Barreto, se a ironia é, de ordinário, mais discreta, mais acentuada, mais mordaz, suaviza-se, não raro, em maxímos notáveis de piedade e comiserção."

Como quer que seja. — "Triste Fim de Polycarpo Quaresma" representa uma das mais sugestivas e comentáveis obras de ficção publicada em nosso idioma".

JOSÉ OTÍCICA:

"Lima Barreto conseguiu dar-nos o admirável quadro vivo desta sociedade onde impera o cafegostismo.

Pelo crm as raras qualidades de romancista exímio que acreditaram a Machado de Assis."

JACKSON DE FIGUETREDO:

"Um livro de Lima Barreto é, hoje em dia, um livro de mestre, porque, incontestavelmente, no romance social contemporâneo, Lima Barreto é dos que estão na primeira fila, sendo mesmo o primeiro da sua geração."

VITOR VIANA:

"O sr. Lima Barreto é como o Machado de Assis um humorista de gênero inglês, e que se assemelha também a humoristas franceses como o sr. Anatole France.

O sr. Lima Barreto já produziu obra que ficará, e ninguém como ele penetrou em muitos dos segredos da alma da cidade.

Há na *Vida e Morte de Gonçalo de São*, páginas magistrais de observação mordaz e de análise psicológica e onde acrescenta a série já característica de tipos, figurações e bontades do sr. Lima Barreto, muitos outros traços que era fazem sorrirem, ora fazem pensar..."

PEDRO COUTO:

"Lima Barreto faz do romance não uma obra de ficção em que o mundo real só entre como modelo imprecindível aos exageros que a arte impõe, mas sim, um meio de crítica social, um processo de análise intenso e por vezes doloroso, tal a sua verdade, dos costumes e das hemonias de seu tempo."

Alexandre Soares trouxe seu vinte e cinco anos, iniciando em ciências físicas e naturais, era preparador do Museu de História Natural, cargo que obtido em concurso, lhe deu direito a uma viagem à Europa, nos tempos em que as subvenções para isso largamente se distribuíram, rara vez qual eram equitativa e satisfatoriamente feitas. De volta, por acaso, viria a morar defronte de um hortel de classe, venerável que vivia pelo jardim da sua vila, a catar pedrinhas no chão. Curioso com os treteiros do homem, pôde-se a observar-lhe afim de descrever o que significavam. Viu-se a Ásia e encontrou no caminho a América. Ele levante por el penteado... A filha do ancião, muito naturalmente, pouco afetou a curiosidade sobre o seu jardim que não tivessem ela por objecto supos, que o doutor estivesse apaixonado por ela. Nenhum era o seu apelido familiar, sabia que o rapaz era dado a coleção de botânicas; que pertencia ao Museu; que o tratavam de doutor; logo não se podia tratar senão de um médico.

A nossa menesteraptia inteligência nacional de que não fazem parte só as mulheres, não admite que tratem de botânica só os médicos; e de matemática os engenheiros; quando, em geral, nem um nem outros se preocupam em tais coisas.

Ela, porém, vivendo em círculo restrito, não tendo estudos especiais, convivências outras que não essa da sociedade, fossilizadas de cérebro e com receitas de formulário na cabeça, não podia ter outra opinião que a geral da noite da terra, de cima a baixo. Aquela moça era por força doutor em medicina ou no ministro, estudante. Quando soube que não teve uma ponta de despeito, e custou-lhe a crer que fosse tão formada nenhuma outra que quizesse dizer-lhe unicamente:

— Ben, não há dúvida. O doutor tem com certeza um futuro brilhante; mas, ainda não demonstrou para que veio ao mundo. As evreus eram uma "memória"?

— Não, senhor desembargador.

— Faz mal. Na Alemanha, é muito usado... A "memória" demonstra capacidade para o novo, para o detalhe inedito, inexplicável, um ponto de vista que houve sempre escapado aos sábios e grandes mestres... Eu queria que o meu futuro futuro merecesse猛烈ha filha dessa maneira, porque, na Alemanha...

— Mas o senhor desembargador ia de me perniciosa uma pergunta?

— A que sororadou na academia devemos eu apresentar a minha memória?

— Não há negá-lo: a sua objecção procede. Não havendo entre

nos Academias especiais a sem-

blanca ciência, havia, portanto,

embargo em tributar quem migrasse o mérito ou demérito do seu

— Vejam como tenho livros! Ve-

— LIMA BARRETO

*Academia e escritor contemporâneo*

— Triste Fim de Polycarpo Quaresma

— Meu caro professor, com licença

— Triste Fim de Polycarpo Quaresma

— Meu caro professor, com licença

— Triste Fim de Polycarpo Quaresma

— Meu caro professor, com licença

— Triste Fim de Polycarpo Quaresma

— Meu caro professor, com licença

— Triste Fim de Polycarpo Quaresma

— Meu caro professor, com licença

— Triste Fim de Polycarpo Quaresma

— Meu caro professor, com licença

— Triste Fim de Polycarpo Quaresma

— Meu caro professor, com licença

— Triste Fim de Polycarpo Quaresma

— Meu caro professor, com licença

— Triste Fim de Polycarpo Quaresma

— Meu caro professor, com licença

— Triste Fim de Polycarpo Quaresma

— Meu caro professor, com licença

— Triste Fim de Polycarpo Quaresma

— Meu caro professor, com licença

— Triste Fim de Polycarpo Quaresma

— Meu caro professor, com licença

— Triste Fim de Polycarpo Quaresma

— Meu caro professor, com licença

— Triste Fim de Polycarpo Quaresma

— Meu caro professor, com licença

— Triste Fim de Polycarpo Quaresma

— Meu caro professor, com licença

— Triste Fim de Polycarpo Quaresma

— Meu caro professor, com licença

— Triste Fim de Polycarpo Quaresma

— Meu caro professor, com licença

— Triste Fim de Polycarpo Quaresma

— Meu caro professor, com licença

— Triste Fim de Polycarpo Quaresma

— Meu caro professor, com licença

— Triste Fim de Polycarpo Quaresma

— Meu caro professor, com licença

— Triste Fim de Polycarpo Quaresma

— Meu caro professor, com licença

— Triste Fim de Polycarpo Quaresma

— Meu caro professor, com licença

— Triste Fim de Polycarpo Quaresma

— Meu caro professor, com licença

— Triste Fim de Polycarpo Quaresma

— Meu caro professor, com licença

— Triste Fim de Polycarpo Quaresma

— Meu caro professor, com licença

— Triste Fim de Polycarpo Quaresma

— Meu caro professor, com licença

— Triste Fim de Polycarpo Quaresma

— Meu caro professor, com licença

— Triste Fim de Polycarpo Quaresma

— Meu caro professor, com licença

— Triste Fim de Polycarpo Quaresma

— Meu caro professor, com licença

— Triste Fim de Polycarpo Quaresma

— Meu caro professor, com licença

— Triste Fim de Polycarpo Quaresma

— Meu caro professor, com licença

— Triste Fim de Polycarpo Quaresma

— Meu caro professor, com licença

— Triste Fim de Polycarpo Quaresma

— Meu caro professor, com licença

— Triste Fim de Polycarpo Quaresma

— Meu caro professor, com licença

— Triste Fim de Polycarpo Quaresma

— Meu caro professor, com licença

— Triste Fim de Polycarpo Quaresma

— Meu caro professor, com licença

— Triste Fim de Polycarpo Quaresma

— Meu caro professor, com licença

— Triste Fim de Polycarpo Quaresma

— Meu caro professor, com licença

— Triste Fim de Polycarpo Quaresma

— Meu caro professor, com licença

— Triste Fim de Polycarpo Quaresma

— Meu caro professor, com licença

— Triste Fim de Polycarpo Quaresma

— Meu caro professor, com licença

— Triste Fim de Polycarpo Quaresma

— Meu caro professor, com licença

— Triste Fim de Polycarpo Quaresma

— Meu caro professor, com licença

— Triste Fim de Polycarpo Quaresma

— Meu caro professor, com licença

— Triste Fim de Polycarpo Quaresma

— Meu caro professor, com licença

— Triste Fim de Polycarpo Quaresma

— Meu caro professor, com licença

— Triste Fim de Polycarpo Quaresma

— Meu caro professor, com licença

— Triste Fim de Polycarpo Quaresma

— Meu caro professor, com licença

— Triste Fim de Polycarpo Quaresma

— Meu caro professor, com licença

— Triste Fim de Polycarpo Quaresma

— Meu caro professor, com licença

— Triste Fim de Polycarpo Quaresma

— Meu caro professor, com licença

— Triste Fim de Polycarpo Quaresma

— Meu caro professor, com licença

— Triste Fim de Polycarpo Quaresma

— Meu caro professor, com licença

— Triste Fim de Polycarpo Quaresma

— Meu caro professor, com licença

— Triste Fim de Polycarpo Quaresma

— Meu caro professor, com licença

— Triste Fim de Polycarpo Quaresma

— Meu caro professor, com licença

— Triste Fim de Polycarpo Quaresma

— Meu caro professor, com licença

— Triste Fim de Polycarpo Quaresma

— Meu caro professor, com licença

— Triste Fim de Polycarpo Quaresma

— Meu caro professor, com licença

— Triste Fim de Polycarpo Quaresma

— Meu caro professor, com licença

— Triste Fim de Polycarpo Quaresma

— Meu caro professor, com licença

— Triste Fim de Polycarpo Quaresma

— Meu caro professor, com licença

— Triste Fim de Polycarpo Quaresma

— Meu caro professor, com licença

— Triste Fim de Polycarpo Quaresma

— Meu caro professor, com licença

— Triste Fim de Polycarpo Quaresma

— Meu caro professor, com licença

— Triste Fim de Polycarpo Quaresma

— Meu caro professor, com licença

— Triste Fim de Polycarpo Quaresma

— Meu caro professor, com licença

— Triste Fim de Polycarpo Quaresma

— Meu caro professor, com licença

— Triste Fim de Polycarpo Quaresma

— Meu caro professor, com licença

— Triste Fim de Polycarpo Quaresma

— Meu caro professor, com licença

— Triste Fim de Polycarpo Quaresma

— Meu caro professor, com licença

— Triste Fim de Polycarpo Quaresma

— Meu caro professor, com licença

— Triste Fim de Polycarpo Quaresma

— Meu caro professor, com licença

— Triste Fim de Polycarpo Quaresma

— Meu caro professor, com licença

— Triste Fim de Polycarpo Quaresma

— Meu caro professor, com licença

— Triste Fim de Polycarpo Quaresma

— Meu caro professor, com licença

— Triste Fim de Polycarpo Quaresma

— Meu caro professor, com licença

— Triste Fim de Polycarpo Quaresma

— Meu caro professor, com licença

— Triste Fim de Polycarpo Quaresma

— Meu caro professor, com licença

# AUDITÆ - Conto de Lima Barreto

A JOAO LUIZ FERREIRA

poesias das Espécies — trad. francesa, DSE, págs. 222 e 228) — como Basiley dizia, acreedita que o "megalithon" e o "manuth" como plenipotenciários suas, tivessem acordado entre nós a hóstia da propagação e o informe eletrônico. Sustentou que, sob o império imperial da seleção natural e da adaptação ao meio, marchassemos nos, peixes e homens, nessa sucessão de modificações, passo moço e graduando com que vai a variação, de estádio em estádio, se aproximando do limite para não atingir, como nós para a nossa perfeita destino draconianizado (que é "passim").

— Bem consegui! exclamou o moço Alexandre. Os períodos se sucedem como uma onda de tempestade e delas tiraram legiões de estruturas. Festina lente... Mas continuamos.

E certo diales, parecia impossível, e de fato o é, que, em plena vida contemporânea, existissem exemplares da fauna e da flora dos primórdios da Terra. Houve, não obstante, ser incansável com os verdadeiros principais da ciência, alguém que pretendeu ter visto fosse "vivo", mas, se é possível isto no mundo das inteligências, fará do mundo do pensamento, tal como é das artas, dos poetas, dos sociólogos, dos escritores, dos arquitetos, dos jornalistas, dos músicos, tal não permite a evolução em geral".

Devês lembrar-vos, ora, Acadêmicos dos "PTEROACTYLOS LONGICOSTRIS" que, alau viagens (poetas naturais) julgavam haver por entre as florestas valas da Nova Zelândia, mas que, após visitas de verdadeiras científicas, foram arrastados para a vergonha dos desmentidos da ciência eletrônica.

Estes não se sentem e exclamam bem alto:

Muito bem! Excelente ciência! Admirável Naturalmente o desembocadouro Monteiro há de apreciar esta bela frase: excelente ciência!

— Ah! lá divida! Esta minha memória traz no seu bolo toda uma série das minhas qualidades e das minhas qualidades hereditárias. Assim, na minha terra de naturalista, culturado para a Academia das Espécies; demonstrando e vivendo meu estudo e, por cima de tudo, uma pequena ciência! Arre! Coisa é bonito ter-se um bom cargo na Escola Politécnica do Rio de Janeiro! Nené, como te amo! Se obtiveresse nesse transite, como me tua receber a vida toda! A mim, só tu podes sustentar o homem... Aquela burra do Comitê! Ele por isso que se detestava a tiologia, a paleontologia! Burro! Kém... E não é que estou mesmo... Poxa! O Paulinho, o tal da Vila? Ora holá!

— E — Amiga meu e consumado círculo, J. C. Kramer, exímio geólogo e professor da mesma cadeira no Harvard University, U. S. A., em conversa comigo, há dias, no MUSEU DE HISTÓRIA NATURAL DENTRA CAPITAL — conversava amavel de sábios — comovendo-me com, há tempos, por escutas de estudar, no Rio de Janeiro, a "hipótese da glaciación da Brasil", de Agassiz, observou veemente nesta cidade uma dessas estranhas casta de tortilhos — a uns as crianças chamam "mijo de serra" e "orelha de burro" que são 700 mil, apesar do disparate dos caracteres, exemplares da flora de província triunfante, da época secundária.

Olha, será dizer-vos, senhores Acadêmicos, que uma tal comunicação me encheu de imensa júbilo, pacífica e científico!"

Encorajando comigo o autor Pioneiro da Harvard University, U. S. A., admirava-se, sorriendeu mais e encorajando-se assim, que, vivendo em tão caprichosa terra, os novos estabelecimentos de ciência, não houvessem a nota notável a sua singular extensão. E, instantaneamente expliquei — desculpava-se agora, mal — como quis e muito novo, E, na continuação da palestra, não se media, às vezes, de contentamento e satisfação. Detinha, sempre trazendo-me novas contribuições a utilidade científica da geopaleontologia, o sábio "Yankee", e o que parecia agradecer ainda mais a sua malha satisfatória, era que fosse "geólogo", fossem, além dos notáveis pais criancas que tinham, também, embalado o velho arreio por "cientistas" nome que, dado a seu exímio e previsível domínio para as línguas do sul da Europa, creio, tratara-se de "dilettanti".

Nisto, o José chega à porta do gabinete do sábio Alexandre e grita:

— Senhor! O sábio tá na mesa!

— Oh! Já?

Olhou o relógio na parede e concordou:

— Você tem razão... É verdade! Já são dezoito horas... Almoço, vou ao Museu, consulto as notas do fim do mês, tenho a pequena e o real... E se alguns cépticos, pessimistas e desesperados, disserem que a ciência, no Brasil, não leva longe, não dá fortuna, independência, eu posso dizer bem alto: aqui eu sou!

E batê com força, no relógio, como se dissesse para a escola do fuzilamento: atirem que eu não preciso de ficar amarrado, nem vendido. Sei morrer!

No dia seguinte, completamente armado com as notas do famoso geólogo "yankee", o notável brasileiro Alexandre Ventura Soares, homem grave e sério, tanto mais grave e mais sério por ser jovem, continuou a sua memória casamente assim:

— III — O "habitat" de tales "orelhas de burro", como lhes chamam as crianças do Rio de Janeiro, é um barroco amido e quando que fizera na noite do morto de Santa Antônio, no centro da cidade, e serve as malas das vidas de depósitos de jornais europeus de modas e joias de alegria que recintam em vários corpos, as capitais de segunda ordem de Gobos, exibindo-as como riquezas preciosas".

Diabo! exclamou Soares, compulsionado as notícias. Este Kramer tem cada ideia! Ista é impossível Adriano, pois é preciso! Eu vim ponho uns sapatos e vai a coisa por conta da ciência!

— Conveni — e com humildade vos peço, ora, Acadêmicos — que vos exequais (não fosses Exequido) das mais consideráveis noções de botânica, pois o nosso excentrico sábio vai desvendar segredos poucos facéis de achar em "mijos de sapo".

Está salva a minha responsabilidade, monologou o notável preparador do Museu da História Natural, Vamor! E preciso não respeitar o seu ideal científico! A Nené está ali! Vamos! Esta "memória" é a tua voz grande! E tomado folego, continuou:

— Eles deviam ser analises aos criptogramas que formaram com certeza a flora do período carbonífero, e, para justificá-las, encontraram-se, entre eles, alguns exemplares do "lepto dendras elegans", gênero "staphanophytum".

Pareceria, a pessoas pouco versadas em Geologia e Paleontologia, que tais criptogramas não alcançassem, nos nossos dias, mais do que alguns contímetros de altura: mas, a vis, que deixa sabes mais do que eu, não parecerá estranho que afirme-te lá visto em 1,500 a 1,600 de altura.

Sob a forte objeciva de um microscópio de Zeiss, encontrou o doutor Kramer, na parte mínima do disco superior que possuem tais tortilhos, alguma coisa semelhante ao cérebro humano.

Analisando esse pedacinho de cabeça parientemente, com a paciência característica de um professor da Harvard College, se lhe desparasitou ao dr. Kramer, coroando as suas fatigantes pesquisas, em estado rudimentar, os nervos óticos, auditivos, olfativos, gustativos, etc. e de todos esses, o mais rudimentar e generoso, era o auditivo. Usando, então, de um paradoxo fará o sábio de Cambridge (il. E.) denominado em círculos auditiros ("agricultores auditiros")?

Dos bons e singulares Kramer ainda admite a teoria de Gall, só lhe resta a da memória. As funções da vida vegetativa humanas tem um complexo e pleno desenvolvimento, tanto assim que, apesar de agáricos, sabem comer de modo natural.

O que tem tal círculos digramas de nota, além de outras características — observa o doutor Kramer, e que possuem sexos. Há-mos machos e os há-fêmeas. Embora nelas distâncias da ciência, no entanto, por honestade científica, joliv-me obrigado a transcrever aquela sua blasfêmia. Mas, se ele foi arranjado à ciência por um sábio como a distinto professor da Harvard University, claro é que nos devemos simão acatá-la, embora assim parecendo ser. Não nos parece verdade inconveniente, partindo de onde parte, nésses casos, temos o dever de torná-lo certo!"

Disse o professor americano que fosse "geólogo", fossem, além dos notáveis pais criancas que tinham, também, embalado o velho arreio por "cientistas" nome que, dado a seu exímio e previsível domínio para as línguas do sul da Europa, creio, tratara-se de "dilettanti".

Nisto, o José chega à porta do gabinete do sábio Alexandre e grita:

beludos, semi-nus, cheios de pedras — são as fêmeas".

Novas diferenças, todas superficiais, que a extraordinária professora Juila (graduada sexos, na chama das delas, no seu ato é que reside a agitação, a fermentação das suas demoras); nun, porém, pouco importa com o mundo. Há livros: fazemos ciência. Com elas, revistas, memórias dos outros, sem ir diretamente à natureza, estudando detalhes, arquinetas, uma teoria nova que escapou aos grandes mestres das grandes obras. A questão é combinar um com outro, estorvo antagônicos...

— Que é José?

— Esta é a carta da casa do dr. Monteiro.

O criado retirou-se e o sábio, "apud" Kramer, abriu o bilhete e leu:

"Meu querido. Já não aparece, não te vejo mais. Beija essa história de "memória". Papai é maníaco, isto não é preciso. E' melhor que arranjos soneto, uns versos, enfim, que talvez façam o mesmo efeito; e, si quiser, mandar-me fazer por um poeta devoto que anda nas proximidades de seu mil reis. Queres? Que tal? Responde. — Nené".

O sábio Alexandre, Júlio de Oliveira brasileiro, respondeu:

"Nené. Tem lá em mim e na Ciência. — Alexandre".

Diabo! exclamou Soares, compulsionado as notícias. Este Kramer tem cada ideia! Ista é impossível Adriano, pois é preciso! Eu vim ponho uns sapatos e vai a coisa por conta da ciência.

Em seguida, o original cientista Ventura considerou de si para si:

— Bem, por hoje, festa. Amanhã irei determinar a origem e, no sábado, levar a memória ao desembargador; e, ainda, não fomos passados nos mesmos? A ciência brasileira tem os seus índios notá-

vias e singulares — continuou Alexandre na sua meditação — e uma delas é essa prestes nos veremos bolas. Isto é devido no fato que,

para os outros sábios, o objecto ou ciência está no mundo, exigindo pesquisas, observações e experiências demoradas; nun, porém, pouco importa com o mundo.

Há livros: fazemos ciência.

Com elas, revistas, memórias dos outros,

sem ir diretamente à natureza, estuda-

mos mais tarde, arquinetas,

uma teoria nova que escapou aos

grandes mestres das grandes

obras. A questão é combinar um

com outro, estorvo antagônicos...

— Oh! Este Brasil não é um país

perdidido! E' um grande país!

Na quinta-feira, tinha o nosso

bacharel concluído a sua memória

é lá-de-já de moda fez e completo.

— IV — Escusado será dizer que,

desde logo procurei motivar e de-

terminar as origens de tão estran-

ha vegetação; e sem nada encorar,

ja desesperava, quando o azar-

o, constante amigo dos sábios an-

tiu-me facilmente, como quando

foi no encontro de Newton, com a mada e, de Galileu, com a lâmpada da catedral de Pisa".

— V — Há um anno pouco mais, andando eu na Itália, em comissão do governo, vi na praia de Nápoles onde flanava, deitando sobre uma androide suja e abanando de um bazar, um cogumelo de um crotoniano raro e inédito. Naturalista, impressionaram-me ele e tive o capricho de trazer a poltrônica aglomeração dos pequenos tortilhos, com os competentes androides, para o Rio de Janeiro. Aqui chegaram, depositados em um curioso con-

teúdo no meu criado José, que,

era tocando em uma fininha de bambu ou em tabaco, talvez, e poleas malas em voga, ora, herdadas de fitos de chumbo, distorcidas, traçadas, sem o que querer, do quanto em quando, de entrar com bivalves frágeis voas, árvores das opções da moda, que ele havia trazidas pelas suas roupas. Bem que tu sabes bem explicar, a não ser a Iugurta, o cartochão, as crônicas de José, as "orelhas de burro" napoitanas comemoram a medra, a crescer e tecem atualmente quase meio metro de altura".

— VI — Atribui, portanto, semear Acadêmicos Esquerdis, aos portentosos aguarelas do dr. Kraemer as mesmas origens do dr. Kraemer e o seu desenvolvimento as mesmas causas que os daqueles trazidos por mim da Itália, tanto mais que perío de habitat dos primeiros existe a função de massa da Brigada Policial e o Teatro Lírico.

O dr. Alexandre Ventura Soares, bacharel em ciências físicas e naturais pela Escola Politécnica do Rio de Janeiro, preparador, por concurso, ao Museu de História Natural do Rio de Janeiro, terminando a memória, levou-a ao desembargador Monteiro que gastou seis meses em lhe-la e encetar sobre ela. Ao fim dos quais, mandou chamá-lo e, logo que veiu, apresentando-o à filha, assim falou:

— Nené, é este o seu novo que, pelo seu talento e pela sua erudição, ocupa de penetrar no Acadêmico Brasileiro dos Esquerdis. Casados, desejou que viesse contínuo o número deles, para grandeza e fama do Brasil.

Caramba! e a primeira coisa que fizemos, graças a um ato de deixa, foi comprarmos um esqueleto na curiosa floresta dos Agarites auditae.

## UM MONUMENTO A LIMA Notícia sobre BARRETO - José Maria Bello Lima Barreto

Lima Barreto

(Continuação da página 193)

não seu resultado, tendo sido Humberto de Campos (em 1890) o candidato mais votado. Mais tarde, ao se repetir o pleito, para a vaga do poeta paranaense, Lima Barreto excuseu-se de voltar à luta; Humberto inscreveu-se sozinho, e foi facilmente eleito, contra apenas dois votos em branco. Quantos a Lima Barreto pensou em ser acadêmico ainda uma vez. Foi em 1922, por ocasião da vaga de Paulo Barreto. Ele mandou sua carta de apresentação de candidatura, mas a retiro antes que se ferisse o pleito.

Lima Barreto faleceu no Rio, em 1 de novembro de 1922 — aos 41 anos de idade, portanto.

## Lima Barreto, na opinião de Humberto de Campos

"Lima Barreto conquistou nas letras brasileiras, desde a publicação das "Memórias de Isaias Caminha", um lugar de relevo entre os nossos românticos de costume."

sua curiosa personalidade literária. Vivo, passou desconhecido, desdenhado e desdenhoso na multidão. Os seus romances, estimados pelos homens de espírito, lidos talvez em serões suburbanos, não conseguiram penetrar a camada burguesa que ainda mantém o comércio das livrarias, como todos os comércios, e, portanto, o êxito dos escritores. Mergulhou, merece que lhe escape a efígie em bronze, num recanto distante de uma ilha carioca. No seu infinito desprezo da estrela ou do círculo (sentido filosófico), seria o primeiro a sentir se lhe fossem predizer um dia a tocarante homenagem que hoje lhe prestam à memória, tanto tempo esquecida.

(Imagens de ontem e de hoje)

# O mais brasileiro dos nossos romancistas - Agripino Grieco

O maior e o mais brasileiro dos nossos romancistas chama-se Afonso de Lima Barreto. Para falar em estilo de passaporte, era qual o viamos poucos antes de morrer, um cidadão de quarenta anos presunçoso, de cor parda, lábios grossos e face rapada, medo de altura, nem gordo nem magro e um sotaque particular.

Nascera no Rio de Janeiro e devia toda a sua vida não fez outra coisa senão achar a sua cidadela natal. As personagens de seus romances só muito raramente vieram além dos arredores da metrópole. O interior rural do país, se o preocupava, era através das relações de vida apuradas das luitadoras subúrbios de Cascadura a Jacarepaguá, a Manguinhos ou São Mateus. A estrada real de Santa Cruz parecer-lhe-ia malo tanto que a avenida Central, a verdadeira grande artéria do Distrito, Encantava-se ao ver, nos imediações de Inhauma, as pobres mulheres do posto que, de passagem, deixavam espinhos gozestes, aruanhas, para ornar a humildade do seu casinholo rústico, algumas flores de melão do S. Caetano. As denominadas indústrias dos lugares circunvizinhantes também o preoccupavam. A monarca de Vieira Fazenda e seu amigo Noronha Santos, fez investigações em torno do Rio colonial e, especialmente, no Rio da época de D. João VI. Amara pitoresca arquitetura das barracões feitos a sapovas; amara-a tanto quanto detestava a inexpresiva arquitetura composta dos casarões do sr. Myatés de los Rios e seus espônsos. Se ainda conseguia um certo entusiasmo pela sua ruas Ondiror, é que por ali via branquinha, em tempos idos, o Grilo da Sogra, o Bacharel, o Selvaz e outros tipos populares da velha urbe.

O pai de Lima Barreto deve ter-lhe transmitido, par de certas neuroses, o gosto pelas letras. Era um homem culto e atípico, amigo das leituras e das refeições solitárias, monárquico e católico. Publicou um tratado de retórica, que o filho certamente nunca leu, ou leu sem proveito, por isso que foi sempre seu péssimo revisor dos seus próprios trabalhos.

Pausava o nosso romancista os seus anos de infância na Ilha do Governador, e da sua saudade de por essa ilha fôr a sempre com um entretenimento microscópico, de que é reflexo um passado em que personagens do "Isaura Caminha" não ocultavam suas fráquezas amorosas. Na ilha do Governador, foi o pai de Lima Barreto o motorista de uma coluna de elefantes, e talvez tenha sido ai que o escritor conseguisse a sensação de atração e o horror dos elefantes, — atração que o compelha a ir de quando em quando, passar uns tempos no manicômio da Prata Vermelha, como quem vai a uma estação balneária, — horror que o levava a esboçar um livro admirável sobre a cléide das doidas, livro a que deveria chamar, quando completo, "O acuplaco dos vivos".

Adolescente, Lima Barreto, feitos os preparatórios, matriculou-se na Escola Politécnica. Ai se deteve apenas um ou dois anos, mas da sua estada nessa sinagoga científica, conservou — ele, o mais simples dos homens! — um certo pedantismo culturresco, visível nele, por exemplo, ao discutir questões de balística ou ao querer explicar eruditamente o fenômeno da pororoca. Sabe-se também que o bom de Lima Timbrava em proclamar-se um forte em geometria, especialmente quando o acusavam de ser frágissimo em português.

Mais tarde, foi o grande romancista empregado público e, como tal, assinou apenas nas faltas. Talvez por ter as pernas meio trôngicas, nunca se estrepeceu escalar imediatas de

papôrto. Mas o pior é que, mesmo sem ir lá frequentemente, o seu mistério a horrortizava, à sua repartição chamou-e, azedamente, rumo de numismas. Pintou sempre a função de militarismo com cores vivas e mordazes, fazendo ver, como nenhuma outra, o Brasil burocrático. Seu espírito não podia deixar de rebelar-se contra a mediocridade de um tal ambiente.

Quando, em vez alta,

para assentir os demais passageiros, um grão-duque russo que corría, incômodo, o Brasil.

Isto não o impedia, aliás, de proclamar-se, pouco depois,

martialista exaltado, pedindo a partilha das terras e a supressão das leis.

Aposentado como oficial da secretaria da Guerra, continuou Lima Barreto a habitar em Todas as Santas, seu pousio, meio estadia e meio campestre, há mais de quinze anos. Criara raízes ali. Saíra da casa muitas vezes, depois de remexer nos relhos heróis da sua estante, livros que não tinha coragem de negociar nem mesmo nos dias de extrema miséria. Descia à ladeira da sua rua, dela rua de casas ajardinadas, encantadas, rua na qual, no cair da noite, as crianças cantavam em ruas, compondo essas sonoras canículas de ridas em boloço que o romancista celebrou numas das suas melhores páginas de folclore suburbano. Desciu a ladeira, encaminhava-se Lima Barreto para o seu clube. Seu clube, o exaltor pronunciado, escrupulosamente, a inglesa, "club" era um boliche em que se reuniam, esvoaçando bochechas, os modelos preferidos do nosso retratista de caracteres: carreiros, carvoeiros, verdureiros e macentes em frântico, por aquelas paragens.

Festas as libações rituais, encaminhava-se Lima Barreto para a estação da estrada de ferro, metia-se num carro de segunda do primeiro subúrbio que passasse, e lá vinha, rumo da cidade, observando os companheiros de claque, com aqueles olhos entrefechados, de pato recém-nascido, parecendo nada ver, mas, na realidade, vendo tudo, grácas à segunda vista dos intuitivos, e armazenação mentalmente as suas observações, qual se as gravasse num carboneto, num caderno de notas. Com que vibração particular se entrelinhou o escritor a captar os "negrinhos de pele de teludo, mucia de coelhos e pipa!" Observando os demais passageiros, tolava, de pergunhase a si mesmo se aquela rapariga que ia a um do carro, de cabeça baixa, sumida na sua tristeza, não seria uma irmã de Clara das Artes, a filha do cartelista Joaquim dos Anjos, vítima de um ignobil conquistador suburbano? E aquela velha, que estava ali junto à porta, não se assimilava à fia Benedita, a pobre escrava que, com a esparsa capacidade narrativa de que os pretos mais inéguos têm o segredo, acalentava a infânia de Isaura Caminha, vivendo-lhe — Scheherazada africana — histórias histórias de um "Mil e uma noites" bárbaro? Só podiam ir lá (gente que tal não viaja em carro de segunda classe) as rivais da formosa, da pomposa Clá, dessa mademoiselle Babary dos subúrbios, fálula burguesinha predisposta pela fruindade moral das paixões mais púrgoras complacências, de longevidade Clá, que, seu amar a pobreza, amara paródia-la nos bailes carnavalescos, dançando e cantando, entre requeres de cortista enfurruada, com um lamento de que tremia um collar de faias turquesas;

Pimenta de cheiro, gile, iquinimbombom!

Eu vendo barato, mi com-

bra, ioh... Em chegando à cidade, Lima

Barreto corria, peripaticamente,

às suas capelinhas prediletas,

demorava-se um tanto em

palectra na livraria Schettino — ou lá a uma redação qual-

quer levar o seu último escrito.

A noitinha, já com o passo pa-

rido, quase de artítrico ou de

berberico, e com as persianas

das olhos ainda mais arrinadas,

retornava ao seu lugubris dis-

tante. Nessa viagem de volta,

punha-se sempre a falar sozinho,

dizendo-se, em voz alta,

para assentir os demais pas-

sageiros, um grão-duque russo

que corría, incômodo, o Brasil.

Isto não o impedia, aliás, de

proclamar-se, pouco depois,

martialista exaltado, pedindo a

partilha das terras e a su-

pressão das leis.

quer levar o seu último escrito.

Quem é que é que o passa pa-

rido, quase de artítrico ou de

berberico, e com as persianas

das olhos ainda mais arrinadas,

retornava ao seu lugubris dis-

tante. Nessa viagem de volta,

punha-se sempre a falar sozinho,

dizendo-se, em voz alta,

para assentir os demais pas-

sageiros, um grão-duque russo

que corría, incômodo, o Brasil.

Isto não o impedia, aliás, de

proclamar-se, pouco depois,

martialista exaltado, pedindo a

partilha das terras e a su-

pressão das leis.

quer levar o seu último escrito.

A noitinha, já com o passo pa-

rido, quase de artítrico ou de

berberico, e com as persianas

das olhos ainda mais arrinadas,

retornava ao seu lugubris dis-

tante. Nessa viagem de volta,

punha-se sempre a falar sozinho,

dizendo-se, em voz alta,

para assentir os demais pas-

sageiros, um grão-duque russo

que corría, incômodo, o Brasil.

Isto não o impedia, aliás, de

proclamar-se, pouco depois,

martialista exaltado, pedindo a

partilha das terras e a su-

pressão das leis.

quer levar o seu último escrito.

A noitinha, já com o passo pa-

rido, quase de artítrico ou de

berberico, e com as persianas

das olhos ainda mais arrinadas,

retornava ao seu lugubris dis-

tante. Nessa viagem de volta,

punha-se sempre a falar sozinho,

dizendo-se, em voz alta,

para assentir os demais pas-

sageiros, um grão-duque russo

que corría, incômodo, o Brasil.

Isto não o impedia, aliás, de

proclamar-se, pouco depois,

martialista exaltado, pedindo a

partilha das terras e a su-

pressão das leis.

quer levar o seu último escrito.

A noitinha, já com o passo pa-

rido, quase de artítrico ou de

berberico, e com as persianas

das olhos ainda mais arrinadas,

retornava ao seu lugubris dis-

tante. Nessa viagem de volta,

punha-se sempre a falar sozinho,

dizendo-se, em voz alta,

para assentir os demais pas-

sageiros, um grão-duque russo

que corría, incômodo, o Brasil.

Isto não o impedia, aliás, de

proclamar-se, pouco depois,

martialista exaltado, pedindo a

partilha das terras e a su-

pressão das leis.

quer levar o seu último escrito.

A noitinha, já com o passo pa-

rido, quase de artítrico ou de

berberico, e com as persianas

das olhos ainda mais arrinadas,

retornava ao seu lugubris dis-

tante. Nessa viagem de volta,

punha-se sempre a falar sozinho,

dizendo-se, em voz alta,

para assentir os demais pas-

sageiros, um grão-duque russo

que corría, incômodo, o Brasil.

Isto não o impedia, aliás, de

proclamar-se, pouco depois,

martialista exaltado, pedindo a

partilha das terras e a su-

pressão das leis.

quer levar o seu último escrito.

A noitinha, já com o passo pa-

rido, quase de artítrico ou de

berberico, e com as persianas

das olhos ainda mais arrinadas,

retornava ao seu lugubris dis-

tante. Nessa viagem de volta,

punha-se sempre a falar sozinho,

dizendo-se, em voz alta,

para assentir os demais pas-

sageiros, um grão-duque russo

que corría, incômodo, o Brasil.

Isto não o impedia, aliás, de

proclamar-se, pouco depois,

martialista exaltado, pedindo a

partilha das terras e a su-

pressão das leis.

quer levar o seu último escrito.

A noitinha, já com o passo pa-

rido, quase de artítrico ou de

berberico, e com as persianas

das olhos ainda mais arrinadas,

retornava ao seu lugubris dis-

tante. Nessa viagem de volta,

punha-se sempre a falar sozinho,

dizendo-se, em voz alta,

para assentir os demais pas-

sageiros, um grão-duque russo

que corría, incômodo, o Brasil.

Isto não o impedia, aliás, de

proclamar-se, pouco depois,

martialista exaltado, pedindo a

partilha das terras e a su-

pressão das leis.

quer levar o seu último escrito.

A noitinha, já com o passo pa-

rido, quase de artítrico ou de

berberico, e com as persianas

das olhos ainda mais arrinadas,

retornava ao seu lugubris dis-

tante. Nessa viagem de volta,

punha-se sempre a falar sozinho,

dizendo-se, em voz alta,

para assentir os demais pas-

sageiros, um grão-duque russo

que corría, incômodo, o Brasil.

Isto não o impedia, aliás, de

proclamar-se, pouco depois,

martialista exaltado, pedindo a

partilha das terras e a su-

pressão das leis.

quer levar o seu último escrito.

A noitinha, já com o passo pa-

rido, quase de artítrico ou de

berberico, e com as persianas

das olhos ainda mais arrinadas,

retornava ao seu lugubris dis-

tante. Nessa viagem de volta,

punha-se sempre a falar sozinho,

dizendo-se, em voz alta,

para assentir os demais pas-

sageiros, um grão-duque russo

que corría, incômodo, o Brasil.

Isto não o impedia, aliás, de

proclamar-se, pouco depois,

martialista exaltado, pedindo a

partilha das terras e a su-

pressão das leis.

quer levar o seu último escrito.

A noitinha, já com o passo pa-

rido, quase de artítrico ou de

berberico, e com as persianas

das olhos ainda mais arrinadas,

retornava ao seu lugubris dis-

tante. Nessa viagem de volta,

punha-se sempre a falar sozinho,

dizendo-se, em voz alta,

para assentir os demais pas-

sageiros, um grão-duque russo

que corría, incômodo, o Brasil.

Isto não o impedia, aliás, de

proclamar-se, pouco depois,

martialista exaltado, pedindo a

partilha das terras e a su-

pressão das leis.

quer levar o seu último escrito.

A noitinha, já com o passo pa-

rido, quase de artítrico ou de

berberico, e com as persianas

das olhos ainda mais arrinadas,

retornava ao seu lugubris dis-

tante. Nessa viagem de volta,

punha-se sempre a falar sozinho,

dizendo-se, em voz alta,

para assentir os demais pas-

sageiros, um grão-duque russo

que corría, incômodo, o Brasil.

# O romancista do subúrbio

(TRECHO DE ESTUDO)

Astrogildo Pereira

Tomando-se a palavra no sentido estritamente literário, em nenhuma intenção pejorativa, poder-se-ia dizer de Lima Barreto que ele é principalmente um romancista subúrbano, um romancista de gosto subúrbano, senão de mentalidade subúrbana. Todas os Santos, Penedo, Encantado, Bonfim, e todos nomes liricos explodem tanto na psicologia coletiva, o excessivo e indenizam largamente de Botafogo e Petrópolis. Toda a sua obra está impregnada de subúrbio, pelo menos do aspecto de subúrbio, quando não da topografia de subúrbio. E vamos que um dos primeiros personagens de Isaias, mal chega ao Rio, fala o "pa-são de pimentas" a Botafogo, não tendo sentido. Os bairros subúrbios é que lhe agradavam, e recorda que passava de pôr-de-a-pé, sem destino certo, "pôr-de-a-pé, de um bairro para outro, procurando ir para as proximidades e sem rumo".

Gonzaga de Sá mostra-nos a desonra do subúrbio europeu nos começos deste século. "O arruamento do subúrbio é delirante. Uma rua europeia larga, ampla, reta: vai-lhe segundo o alinhamento das casas, e imagina os grandes valões que a bordaram em quatro anos, de repente estripar-se, bifurcar-se, subdividir-se num feixe de travessas, que se vão perder em outras milhares, que se multiplicam e oferecem os mais transtornados aspetos. Ha o capuzin, o arremedo de pomar, alguns cantinhos de hora; ha a casinha acaixada, sardosa da toca troglodita; ha a velha casa senhorial de Isaura com as suas colunas heterodoxas; ha as novas edificações burguesas, com ornações de gesso, cimalha e cornucópia, varanda ao lado e grade de ferro em toda. Todo isso se baralha, confundir-se; mistura-se e bem não se colhe logo como a população vai-se dividindo da via-férrea. As ruas se misturam; os anões são marcados pelas coisas mais duradouras e peremptórias. Depois de um velho pousar tempos das ranguinhos, depois de bambucantes casas roxas, andam-se com duzentos metros e vemos encontrar um velho estilo Botafogo. O que, porém, é a expressão arquitetônica do subúrbio?" No Polvorão Quaresma, o romancista divulgava e pormenorizava mais a descrição topográfica do mundo subúrbano, encantando-lhe um quadro geral do elemento humano que o provou: "Há pelas ruas ondinas elegantes, com sedas e brocados, evitando a custo que a lona ou o pão lhes empanem o brilho do vestido; há soberbas de turbanos; há mulhe-ros de rúbia; e assim pelo tarde, quando essa gente volta do trabalho ou do passeio, a mescla e faz numa mesma rua, num quartelão, e quase sempre o mais bem posto não é que entra na melhor casa." Bom portanto da gente mora em condições na mais degradante.

"Casas que mal dariam para uma pequena família, só divididas, subdivididas, e os minúsculos apartamentos e os estúdios, aliados à população miserável,

"Vida e Morte de Gonzaga de Sá", na opinião de Nestor Victor - (trecho da carta)

Rio, 19 de maio de 1919.  
Meu caro Lima Barreto.

Desculpe-me não te haver escrito até agora nem

uma palavra de agradecimento pela oferta tão gentil que me fizeste de um exemplar da "Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá". Tenho analisado o cheio de trabalhos e cuidados, que

nem para entregar podia ainda

comprimir com esse dever.

Totis, no entanto, aqui

está, tudo o quanto eu pude

escrever, que era aproposito

de mim, as duas páginas

que valem a pena de leitura,

que é a sua opinião sobre

o romance de Gonzaga de Sá.

Ela me fazem lembrar uma

edificação que o seu

professor de Ricardo Correia dos

Otários. "E' uma alta sociedade

que impõe pelas suas esburracadas

daquelas distâncias respeitosas,

assim como nas festas e nos

bairros, com mais força que a

burguesia de Petrópolis e Botafogo."

O orgulho dessa aristocracia subúrbana — porque ela

tem naturalmente o seu orgulho de costa, um orgulho também

muito especial — diz-nos o romancista — que se é alta nos

subúrbios. Compõe-se em geral

de funcionários públicos, de pa-

quicos neozelandeses, de médicos

com alguma clínica, de tenentes

de diferentes milícias, naia essa

que impõe pelas suas esburracadas

daquelas distâncias respeitosas,

assim como nas festas e nos

bairros, com mais força que a

burguesia de Petrópolis e Botafogo."

O orgulho dessa aristocracia subúrbana — porque ela

tem naturalmente o seu orgulho de costa, um orgulho também

muito especial — diz-nos o romancista — que se é alta nos

subúrbios. Compõe-se em geral

de funcionários públicos, de pa-

quicos neozelandeses, de médicos

com alguma clínica, de tenentes

de diferentes milícias, naia essa

que impõe pelas suas esburracadas

daquelas distâncias respeitosas,

assim como nas festas e nos

bairros, com mais força que a

burguesia de Petrópolis e Botafogo."

O orgulho dessa aristocracia subúrbana — porque ela

tem naturalmente o seu orgulho de costa, um orgulho também

muito especial — diz-nos o romancista — que se é alta nos

subúrbios. Compõe-se em geral

de funcionários públicos, de pa-

quicos neozelandeses, de médicos

com alguma clínica, de tenentes

de diferentes milícias, naia essa

que impõe pelas suas esburracadas

daquelas distâncias respeitosas,

assim como nas festas e nos

bairros, com mais força que a

burguesia de Petrópolis e Botafogo."

O orgulho dessa aristocracia subúrbana — porque ela

tem naturalmente o seu orgulho de costa, um orgulho também

muito especial — diz-nos o romancista — que se é alta nos

subúrbios. Compõe-se em geral

de funcionários públicos, de pa-

quicos neozelandeses, de médicos

com alguma clínica, de tenentes

de diferentes milícias, naia essa

que impõe pelas suas esburracadas

daquelas distâncias respeitosas,

assim como nas festas e nos

bairros, com mais força que a

burguesia de Petrópolis e Botafogo."

O orgulho dessa aristocracia subúrbana — porque ela

tem naturalmente o seu orgulho de costa, um orgulho também

muito especial — diz-nos o romancista — que se é alta nos

subúrbios. Compõe-se em geral

de funcionários públicos, de pa-

quicos neozelandeses, de médicos

com alguma clínica, de tenentes

de diferentes milícias, naia essa

que impõe pelas suas esburracadas

daquelas distâncias respeitosas,

assim como nas festas e nos

bairros, com mais força que a

burguesia de Petrópolis e Botafogo."

O orgulho dessa aristocracia subúrbana — porque ela

tem naturalmente o seu orgulho de costa, um orgulho também

muito especial — diz-nos o romancista — que se é alta nos

subúrbios. Compõe-se em geral

de funcionários públicos, de pa-

quicos neozelandeses, de médicos

com alguma clínica, de tenentes

de diferentes milícias, naia essa

que impõe pelas suas esburracadas

daquelas distâncias respeitosas,

assim como nas festas e nos

bairros, com mais força que a

burguesia de Petrópolis e Botafogo."

O orgulho dessa aristocracia subúrbana — porque ela

tem naturalmente o seu orgulho de costa, um orgulho também

muito especial — diz-nos o romancista — que se é alta nos

subúrbios. Compõe-se em geral

de funcionários públicos, de pa-

quicos neozelandeses, de médicos

com alguma clínica, de tenentes

de diferentes milícias, naia essa

que impõe pelas suas esburracadas

daquelas distâncias respeitosas,

assim como nas festas e nos

bairros, com mais força que a

burguesia de Petrópolis e Botafogo."

O orgulho dessa aristocracia subúrbana — porque ela

tem naturalmente o seu orgulho de costa, um orgulho também

muito especial — diz-nos o romancista — que se é alta nos

subúrbios. Compõe-se em geral

de funcionários públicos, de pa-

quicos neozelandeses, de médicos

com alguma clínica, de tenentes

de diferentes milícias, naia essa

que impõe pelas suas esburracadas

daquelas distâncias respeitosas,

assim como nas festas e nos

bairros, com mais força que a

burguesia de Petrópolis e Botafogo."

O orgulho dessa aristocracia subúrbana — porque ela

tem naturalmente o seu orgulho de costa, um orgulho também

muito especial — diz-nos o romancista — que se é alta nos

subúrbios. Compõe-se em geral

de funcionários públicos, de pa-

quicos neozelandeses, de médicos

com alguma clínica, de tenentes

de diferentes milícias, naia essa

que impõe pelas suas esburracadas

daquelas distâncias respeitosas,

assim como nas festas e nos

bairros, com mais força que a

burguesia de Petrópolis e Botafogo."

O orgulho dessa aristocracia subúrbana — porque ela

tem naturalmente o seu orgulho de costa, um orgulho também

muito especial — diz-nos o romancista — que se é alta nos

subúrbios. Compõe-se em geral

de funcionários públicos, de pa-

quicos neozelandeses, de médicos

com alguma clínica, de tenentes

de diferentes milícias, naia essa

que impõe pelas suas esburracadas

daquelas distâncias respeitosas,

assim como nas festas e nos

bairros, com mais força que a

burguesia de Petrópolis e Botafogo."

O orgulho dessa aristocracia subúrbana — porque ela

tem naturalmente o seu orgulho de costa, um orgulho também

muito especial — diz-nos o romancista — que se é alta nos

subúrbios. Compõe-se em geral

de funcionários públicos, de pa-

quicos neozelandeses, de médicos

com alguma clínica, de tenentes

de diferentes milícias, naia essa

que impõe pelas suas esburracadas

daquelas distâncias respeitosas,

assim como nas festas e nos

bairros, com mais força que a

burguesia de Petrópolis e Botafogo."

O orgulho dessa aristocracia subúrbana — porque ela

tem naturalmente o seu orgulho de costa, um orgulho também

muito especial — diz-nos o romancista — que se é alta nos

subúrbios. Compõe-se em geral

de funcionários públicos, de pa-

quicos neozelandeses, de médicos

com alguma clínica, de tenentes

de diferentes milícias, naia essa

que impõe pelas suas esburracadas

daquelas distâncias respeitosas,

assim como nas festas e nos

bairros, com mais força que a

burguesia de Petrópolis e Botafogo."

O orgulho dessa aristocracia subúrbana — porque ela

tem naturalmente o seu orgulho de costa, um orgulho também

muito especial — diz-nos o romancista — que se é alta nos

subúrbios. Compõe-se em geral

de funcionários públicos, de pa-

quicos neozelandeses, de médicos

com alguma clínica, de tenentes

de diferentes milícias, naia essa

que impõe pelas suas esburracadas

daquelas distâncias respeitosas,

assim como nas festas e nos

bairros, com mais força que a

burguesia de Petrópolis e Botafogo."

O orgulho dessa aristocracia subúrbana — porque ela

tem naturalmente o seu orgulho de costa, um orgulho também

muito especial — diz-nos o romancista — que se é alta nos

subúrbios. Compõe-se em geral

de funcionários públicos, de pa-

quicos neozelandeses, de médicos

com alguma clínica, de tenentes

de diferentes milícias, naia essa

que impõe pelas suas esburracadas

daquelas distâncias respeitosas,

assim como nas festas e nos

bairros, com mais força que a

burguesia de Petrópolis e Botafogo."

O orgulho dessa aristocracia subúrbana — porque ela

tem naturalmente o seu orgulho de costa, um orgulho também

muito especial — diz-nos o romancista — que se é alta nos

subúrbios. Compõe-se em geral

de funcionários públicos, de pa-

quicos neozelandeses, de médicos

com alguma clínica, de tenentes

de diferentes milícias, naia essa

que impõe pelas suas esburracadas

daquelas distâncias respeitosas,

assim como nas festas e nos

bairros, com mais força que a

burguesia de Petrópolis e Botafogo."

O orgulho dessa aristocracia subúrbana — porque ela

tem naturalmente o seu orgulho de costa, um orgulho também

muito especial — diz-nos o romancista — que se é alta nos

subúrbios. Compõe-se em geral

de funcionários públicos, de pa-

quicos neozelandeses, de médicos

com alguma clínica, de tenentes

de diferentes milícias, naia essa

que impõe pelas suas esburracadas





**ANTOLOGIA DA LITERATURA BRASILEIRA  
CONTEMPORÂNEA -- 2.<sup>a</sup> Série - Antologia da Prosa - VI - João Neves  
NABUCO E PATROCÍNIO**

Transcorria o ano da gravação de 1915. Nela chega ao Rio de Janeiro, Chamorro José do Patrônio. Almeça-lhe as cartas da "Gazeta de Tudo", que lhe dá crônicas da "Cidade do Rio". A manuaria atravessa indecisão e sua crise definitiva. Ganhara terras de ponta a ponta e a questão do elemento servil. A conquista generosa do primeiro Rio Branco, longe de resolver o problema, pressiona as impacientes e reprimidas. Duas grandes nozes, das maiores, que o Brasil na teve, plurificam os anseios semi-anônimos. São dois antípodas nas origens, no tono espiritual, nas finalidades. Nabuco e um alentejano, nascido entre a nobreza mental de Pernambuco. Diz-se-lhe que não lhe corre nas veias o sangue dos vencedores dos Guararapes, mas a metade de um deus exaudido do

Olimpo e dominando pela magia de eloquência a Agora populântica. É abolicionista por humanismo. Não compreenderia a especie, toda ela voltada de mesmo "pal" divina, separada entre sethóides e escravos. A sua concepção filosófica da propriedade responde a inclusão do ser humano entre os bens mercantis. Autor sincero do dilema — Reforma ou Revolução — jamais prega a emancipação do negro como um instrumento de transformações do regime. A raiz de suas convicções, o Brasil quebraria as algemas, que lhe engranharam a cultura, mas edificariam a felicidade coletiva entre o trono e o altar, tanto o seu espírito astuto, perfeição da Pátria entre as fronteiras de Deus e do Rei. A sua propriação, a elegância dos seus gestos e os primores da sua forma

Transcorreu, o ano de 1885.  
Nelo desejámos, Rio de Janeiro  
Brasil, os "óptí colares" da Japera  
da Terra, que fizeram crescer  
na Cidade do Rio, no qual  
elavada e inclinada, fazendo curva,  
definitiva, para terra, de ponta  
a ponta, a questoas das serranias,  
curva. Suas grandes copas, das mares  
que o Brasil já teve, plena-  
mente os antigos e novos urâmbulos.  
São dois, antípodas nas origens,  
no eixo espiritual, mas finali-  
dades: Natureza e Poder.

*Um anfängliche der Jüngste Neuzeit*

## DOIS POÊMAS DE LÉDOIVO

O REGRESSO

Tristeza de não estar na Inglaterra  
neste momento em que bebo whiskey  
e contemplo teu corpo cor de âmbar.  
Melancolia de ser um poeta inglês  
nascido nos trópicos.  
Entretanto, Maria, ontém voltei da Austrália!  
Quis te avisar de minha chegada mas os fias tele-  
fónicos  
foram destruídos por um tufo.  
Trago-te no entanto um verso australiano  
e a doce história da miss infavél:  
Miss passeava conigo na Australia  
em horizontes sem esperanças.  
Miss me beijava com uma ternura de sonho  
não me deixava ficar sózinho  
entre as coi as elementos da infância  
o solteiro era a distração sinfônica de miss  
era a libertação e a vigília sob o sono

Bu gritava pelo nome de miss durante toda a tarde  
e miss me velava oh como me velava!  
Australáia era bela, ansiosas e desconhecidas  
eram as florestas sem docura e paz.  
Australáia era enorme e tinha kangurus  
e miss passava nos céus longe do sono  
O desejo ambicioso de dormir, Maria,  
vinha como uma feliz e temerária sesta australiana  
e miss era a minha doce distração sinfônica  
me embalando ate adormecer.  
Miss me dizia: Dorme, Lédo Ivo!  
E eu dormia, sob um luar de Londres perdido entre  
o carnaval, o sol e os mosquitos  
do país nativo. Jovem poeta de universidade  
eu sonhava, Maria, com as flores  
que não existem nos jardins da Australáia.  
Ontem voltei da Australáia, cansado e melancólico.  
Quando eu for dormir, quero escutar tua voz nativa  
murmurando baixinho: Durma, Lédo!

A MORTE

Morte bailarina de pérfida face  
morte intrusão ao noturno espetáculo  
exclusão inesperada dos anjos  
morte véu impensável cobrindo a claridade  
flor devorada por estalmados peixes  
silêncio telefônico  
morte cantando em um inferno que não existe  
morte em minha sala de jantar  
enquanto o rádio anuncia as catástrofes presentes  
separam as águas das fontes e afundam navios  
antes de contemplar as imprevisíveis batalhas  
morte concerto ilegal fome do eterno  
morte doce neutral e obcecante  
fuga de minha vida fria  
morte sem siquer uma noticia nos jornais  
e um buqué de rosas brancas para meu amor.

# CASO DE MENTIRA - Marques Rebelo

...vivímos nós em São Francisco Xavier, perto da estação, numa boa casa de dols pavilhões, jardiminho com repouso na frente e fresca varanda no lado onde nascia o sol, se bem que essa época não ansiava ainda meu pai muito certeza sua vida para arrastar, nem sequer dificuldade, e a sua residência tão ampla e confortável mas temos que perdoar a ele, entre outras tristezas, esta da ostentação, já que a perfecção foi negada por um alma das criaturas. Ela, sem dúvida, meu irmão Aluísio, devia, em figura de homem praticar certa travessura, embora na sala de visitas sempre fechada a charme, a não ser nos sábados de imensa, rara vez se tornava refeição, gente de férias, pouca é a noite que não é com e deitam por terra os peixes de canela, e rava por trás "o tio" de

...convenhamos, pouca impunha teria, se sobre a penitência estivesse, como em provado arco, o rico vaso da evangélica Satruma, que ria e frequentemente gabava: "Este é que é a verdadeira arte literária! — e que mamãe adorava por seu outro valor: as suas coisas que recatavam a veracidade de tio Aluísio desmoliado, quando a partilha do bens que era batido e na Europa.

...papai chegando,

...tinha tirado o chapéu, que usava de saia e mamãe o punha as com meticulosas exageradas degradante acidente,

...que se clipesava mal o ócio, aparecendo sempre se fosse hoje, sem rumo, do po no chão,

...com aquela cara de "Alma clavada de seu sonho", chegando papai, levantou o rosto, encarou-o de leve, olhou os olhos pequenos e espertos, o instantâneamente sensível com profunda satisfação: abraçou novamente a mamãe, o cabelo nunca pensado que mamãe amava tanto cortar a esconha, e deu-lhe beijinhos pela testa triunfante e suja.

Todos nós tremímos a bom tempo, só para isso, que papai de ordinário calma, sossegada, trazia brincadeira, sobria e vividíssimo quando para tal somavam fortes motivos e razões de que se encinha era de fato, da frente, pois até pouca fazia parte da sua maneira de ser severo. A preta Paulinha, que nos chamavam de Lala e que trouxera o nosso herói ao colo desde o seu primeiro dia chorava e resava no rosto espesso,

"Como foi isso?" meu pai interroga com o senso carregado.

...Anelio era muito imaginativo e sem dúvida inventou-lhe mesmo não sei qual história fantástica em que entrava um homem, verdadeiramente o autor do brinque desastre, fugindo logo após praticá-lo, nem sequer visse, pois ele, Aluísio, tinha sido a única pessoa que presenciara tão mistério, talvez, por acaso, acrescentava com razavel dose de modestia, quando fôr a buscar tal o álbum de retratos da família, o que, inexplicável é que seu afeto incapaz de fixar só um segundo, era inegável uma das suas maiores fráquezas.

Não podia fazer, contudo, num tom diferente, portanto um medo — para que menos — um medo terrível tinha, apalpando-lhe os testículos, tirando-lhe a fala, apalpando-o mudo, incapaz de falar por meior tempo seria natural, não é mesmo?

Meu pai ouvia de boca aberta, numa admiração (indiferente) pelo inteligência fantástica do pequeno. Eu e mamãe estávamos bestirados. Paulina, arrugando medonhanamente os olhos, nem podia acreditar.

Aluísio descrevia ainda, com brilhante e crônico e absoluta segurança de animo o aspecto do sujeito: trazia compridas aúcas, fôr de fogo — fiaava, com aquele suíl amar pelo detalhe, um dos seus mais brilhantes características — e uma meia máscara roxa nos olhos; as bochechas vinham até os joelhos, porcos que estava armado, mas isto não garantia porque uma imensa capa preta envolvia-o todo.

Depois, quando percebeu que poderia, sem receio, terminar, fez um silêncio breve deixando os braços, que agitava adequadamente no correr da sua sensacional narrativa.

Papai não se conteve: soltou uma tremenda garrafada. Sentou-se na cadeira mais próxima a se estorcer, chamou-a para junto de si, passou-lhe a mão pela cabeça: Você ainda há de dar causa na vida! sentençou com legítimo orguço paternal. Em frases truncadas sem continuidade, para o restriço e a inquietação auditória, trouxe-lhe um esplendoroso porvir, e mandou-o passar.

Pegando na palavraria paterna, durante umas tantas semanas, Aluísio pôs os livros de banda e não parou em casa soltando papagaios (não). Jogando nudez na rua, no meio da molecaça. Chegou dia, porém em que tanta liberdade precisava ter um leio: um ralho — vagabundo — e mamãe passou o cadeado no portão de ferro. O adjetivo é que iamais foi questionado ficando conhecido na família e contado às visitas entre parentes, cunhados e caso do dia, no hórus de caso do vale da China, como seria malo justo, dada na sua origem.

Mas origens e transformações, tudo se insinuava neste mundo, rituais de ouro e mercadorias baratas, tanto assim que falou redondamente, na primeira ocasião que tentou empregar, o mesmo método do marido Aluísio hoje advogado, e se, incontestavelmente, bem colocado, com uma bonita carreira na sua frente, nem por sombra tem aquele portentoso futuro que profetisava meu pai, posto para sempre distante no no se afeto, bom pai, quando saiu aquele ano, tão doloroso para a milha gente, chegavam os primeiros rigores do verão.

Havia uma moringa em nossa casa, que somente papai lhe bebia a água. Ficava dia e noite, cheia, na varandinha da copa, a sombra plácida da mangueira, para a água ficar mais fresca e se impregnar do leve sabor e barro que papai tanto prezava.

Em domingos de verão, se não era infalível, frequentemente aparecia seu Souza para palestrar algumas horas; mamãe achava-o extremamente cacetudo, mas atendia-o com especiais finesas, porque o marido que ela colocava pouco abaixo das coisas celestes, sloganha-a, com sincero ardor, como sendo um homem de peso e medida! Seu Souza ria escondida, como podia fazer usando colarinhos malhados, uma velha cicatriz no pescoço e era bastante enjoadão, não variando nunca de conversa: — questões de terrenos para vender — e de graça: Você tem água gelada com gelo compade?

Papai respondia logo:

— Gelo é um perigo, seu burro! Mas tenho a minha bulta frequinha — gritava para dentro: Onde está a moringa? Olhem que o Souza também quer.

Como se acabou de ver este privilegiado senhor era o único mortal com quem meu pai dividia o precioso conteúdo da sua memória. Este célebre objeto, externamente, não correspondia em absoluto a tão subidas distinções, comunissima moringa, dessas que se encontram nas

## Um autógrafo de Manuel Bandeira

### Tentar certo

que não temos e desejo.  
que melhor me surpreende.  
Tive uns filhos — pedi-los.  
Tive amores — esqueci-os.  
Mas me maior desespero  
Relei: grande esse prece.

Vi terras de minha terra  
Por outras terras andei.  
Nas o peço mercado  
Os meus outros festejos.  
Foram terras que servem.

Gosto muito de crianças:  
não tive um filho e nem  
não tive!... hei por de fato  
não tive dentro de peito  
não tive que não nascer.

Viveu-me, deu-me meus amigos,  
Para arquiteto, nunha  
fora... em um dia o santo de...  
Fiz um arquiteto? Nunca!  
Sou poeta meus, perdão!

Não fico verso é guerra  
Nunca fico porque não fa!  
Nunca nasci torpede-suicida  
Darei de bom grado a vida  
Na luta em que nas lutas!

*Manuel Bandeira*

Rio, 28.1.1943

mão inexperiente impeliu a última contra a primeira e esta ficou em caos. Ningum se alarmou: "moringas há milhões por este mundo, igualas como as formigas", serenou-me minha mãe, fazendo comparações engraçadas.

Tinhamos já acendido a luz quando papai chegou, atraído, para jantar, e como fizera de demasiado calor durante o dia, entrou suado, com sed, gritou logo:

— Vejam a minha moringa! Contaram que se quebrava e eu fôr o culpado por andar jogando peteca dentro de casa. Chamou-me. Dirigi-me a ele serenamente e tratel de inventar a aventura de um gato que perseguia um rato...

Eu era, porém, pouco imaginativo e não me lembro da minha história, trivialíssima, não conseguia encalhar nenhuma passagem de extraordinário realce. Verdade seja dita, não passei

alem do mal: papai deu-me um tabebuia na boca!

— Mentiroso!

Fuxou-me pelas orelhas, levou-me para o quarto, aí sentar, disse-me com dureza: "que um homem que mentia não era um homem", pois o castigo uma semana, prezo em casa, sem por o pé fora, na varanda que fosse. Aluísio, insensível à minha privação, folgava não parecendo sentir a falta do companheiro. Era de vez a facilidade indiferente com que supria nos seus brincadeiras, a minha pessoa ausente. Da Janela do meu quarto, enquanto descansava as mãos dobradas de repouso, com bom humor e sem nenhuma erro, as irrita páginas da minha geografia, que papai, pela manhã, antes de sair, inflexivelmente me marcava, fava-o-vendo correr, subir ás árvores, com desbarato e agilidade. E invejava-o surdamente. Tinha dez anos.

## UM AUTÓGRAFO DE MARIO PEDERNEIRAS

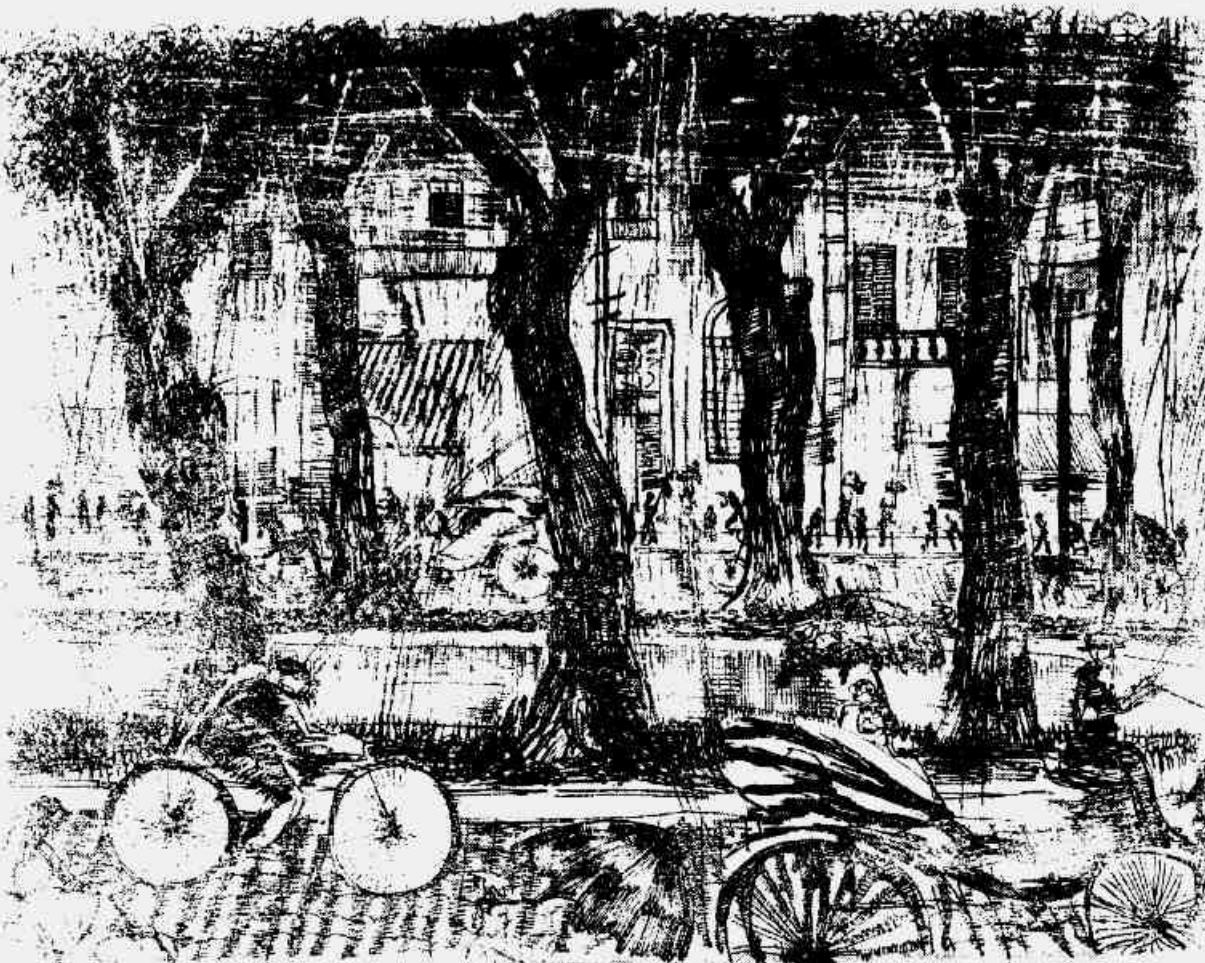
*meus irmãos de sangue, de  
espírito e de glória*

19-8-1943

*Mario*

O "chico" que aqui estampamos é um autógrafo de Mario Pederneiras — uma dedicatória por ele feita no encadernador de um de seus livros, oferecido ao cartunista Reali, seu irmão. Este "chico" pertencia, pois, ao Suplemento de 26 de Novembro do ano passado, que foi dedicado ao poeta carioca.

# ALBUM DE GUIGNARD



N.º 47 - ASPECTO DE PETROPÓLIS

# O LUGAR DE ALPHONSUS DE GUIMARAENS NA LITERATURA BRASILEIRA - MUCIO LEÃO

Ein von den Niederlanden eingewanderte  
deutsche Familie aus dem Elberfelder Land.  
Sie besteht aus einem Vater und einer Tochter,  
die beide in der Stadt Elberfeld wohnen.  
Der Vater ist ein Kaufmann und die Tochter  
ist eine Schneiderin. Sie sind sehr glücklich  
zusammen und haben eine gute Beziehung.  
Sie sind beide sehr engagiert in ihrer Gemeinde  
und engagieren sich für soziale Arbeit.  
Sie sind auch sehr engagiert in ihrer Kirche  
und engagieren sich für soziale Arbeit.

1920-1921  
1921-1922  
1922-1923  
1923-1924  
1924-1925  
1925-1926  
1926-1927  
1927-1928  
1928-1929  
1929-1930  
1930-1931  
1931-1932  
1932-1933  
1933-1934  
1934-1935  
1935-1936  
1936-1937  
1937-1938  
1938-1939  
1939-1940  
1940-1941  
1941-1942  
1942-1943  
1943-1944  
1944-1945  
1945-1946  
1946-1947  
1947-1948  
1948-1949  
1949-1950  
1950-1951  
1951-1952  
1952-1953  
1953-1954  
1954-1955  
1955-1956  
1956-1957  
1957-1958  
1958-1959  
1959-1960  
1960-1961  
1961-1962  
1962-1963  
1963-1964  
1964-1965  
1965-1966  
1966-1967  
1967-1968  
1968-1969  
1969-1970  
1970-1971  
1971-1972  
1972-1973  
1973-1974  
1974-1975  
1975-1976  
1976-1977  
1977-1978  
1978-1979  
1979-1980  
1980-1981  
1981-1982  
1982-1983  
1983-1984  
1984-1985  
1985-1986  
1986-1987  
1987-1988  
1988-1989  
1989-1990  
1990-1991  
1991-1992  
1992-1993  
1993-1994  
1994-1995  
1995-1996  
1996-1997  
1997-1998  
1998-1999  
1999-2000  
2000-2001  
2001-2002  
2002-2003  
2003-2004  
2004-2005  
2005-2006  
2006-2007  
2007-2008  
2008-2009  
2009-2010  
2010-2011  
2011-2012  
2012-2013  
2013-2014  
2014-2015  
2015-2016  
2016-2017  
2017-2018  
2018-2019  
2019-2020  
2020-2021  
2021-2022  
2022-2023  
2023-2024  
2024-2025  
2025-2026  
2026-2027  
2027-2028  
2028-2029  
2029-2030  
2030-2031  
2031-2032  
2032-2033  
2033-2034  
2034-2035  
2035-2036  
2036-2037  
2037-2038  
2038-2039  
2039-2040  
2040-2041  
2041-2042  
2042-2043  
2043-2044  
2044-2045  
2045-2046  
2046-2047  
2047-2048  
2048-2049  
2049-2050  
2050-2051  
2051-2052  
2052-2053  
2053-2054  
2054-2055  
2055-2056  
2056-2057  
2057-2058  
2058-2059  
2059-2060  
2060-2061  
2061-2062  
2062-2063  
2063-2064  
2064-2065  
2065-2066  
2066-2067  
2067-2068  
2068-2069  
2069-2070  
2070-2071  
2071-2072  
2072-2073  
2073-2074  
2074-2075  
2075-2076  
2076-2077  
2077-2078  
2078-2079  
2079-2080  
2080-2081  
2081-2082  
2082-2083  
2083-2084  
2084-2085  
2085-2086  
2086-2087  
2087-2088  
2088-2089  
2089-2090  
2090-2091  
2091-2092  
2092-2093  
2093-2094  
2094-2095  
2095-2096  
2096-2097  
2097-2098  
2098-2099  
2099-20100

After the experiment was  
over, the students had

These values are given in Table I.

professores, por exemplo, os  
maiores maiores da sua pen-  
samento, no mais alto da  
sua era, nenhuma memória  
regista senão que fosse Re-  
volta contra o Marquês de  
Azevedo, um Casanova de  
Muniz, um Gonçalves Dias, um  
Frederico Varela, um Castro

W. S. Morris and T. G. Schatzki  
1991, *J. Polym. Sci.*, Part A, 29, 1033-1043; and  
in "Rubber Chemistry," C. C. Price, Ed.,  
Interscience, New York, 1955, p. 35, and references  
therein. In 1957, the U.S. Patent Office  
granted a patent to W. S. Morris and T. G.  
Schatzki for a process for preparing polyisobutylene  
from isobutylene. No. 2,854,159.

que se realizó en la noche del 10 de octubre de 1945, en el teatro "El Círculo" de la ciudad de Maracaibo, Venezuela, en el que se presentó la obra "Septiembre las Días de Nuestra Señora", en la compañía de actores de la "Casa de Teatro".

— que la part des hommes a  
rendue à ces sortes de débu-  
tants dans le monde — de Cruz

as suas sementes de *Alphornia millettiae* permanecem por um período de quatro a seis meses.

verso desse estranho poeta  
senhor de uma profunda mui-  
cidade interior, há um va-  
positivo que embota muita  
e impenetração no nosso en-  
tendimento, entretanto para  
que aquela madeira de pa-  
cote, de que o orador

de permanente ligazón que era con San Vicente, quien poseía un gran amor a la causa de Alfonso VI y su reino, particularmente en el momento en que se consolidó la independencia de la Monarquía cristiana. Se consideró que el nombre de San Vicente era apropiado para la fundación de la orden, ya que se consideraba que él era el patrón de los soldados cristianos.

— e, naturalmente poeta. O mundo do «4 tempo passou no dia de amanhã» — «que é o dia de amanhã?» — é o mundo das horas, das horas das horas, das horas das horas das horas... mas passaram de livres, livres, dum dia, e entraram no poeta de «Amanhã Ardentíssimo».

1970 e 1971, quando o copreto se

que la una a una persona que querían a su compatriota unido. Certo dia o

el mismo gobernador de Olavarría, estaba de mala bocanera. A alguien leó que diso que los agentes antibolivianos eran inutilizados. Que vez a nombre de Olavarría se suprimió los cargos de substituto. De manera que cuando falleció el dueño para la  
que

...na Doria da, sem um deputado para lutar a favor do seu projeto. Alfredo Neves era um homem a descrever, um jardineiro — o jardim do Brasil” —, pensava o velho. Mas quanto mais se esforçava em dizer a sua causa, mais falhava. Afinal, era um jardineiro que não sabia falar. De repente, o deputado se lembrou de promover uma reunião no teatro. Voltou para casa e se preparou para falar com os amigos. Quando entrou no teatro, o velho jardineiro

mentada que queria con-  
cretar da terra em Mar-  
ília, e os sentenças escritas  
no de Jundiaí, as sentenças  
que o me sentenciaram  
ao exílio, sentenças portais,  
as advertências, sempre de  
se intervir de Minas exis-  
tindo no Brasil.

que se ha de servir en la mesa.

dele foi lembrar	10
Alguém digno de	11
estação foi por	12
Bilar, e a lembran-	13
a a Manuel Bland	14
o poeta continha	15
a memória de José	16

vitam rembar ac	10
1938 ac celos	10
Naquele anno o	10
apagamento — e	10
o exo sta illa	5
— tratou de	5
as da capoeira	10
e escoa. Ento	10
José Alphonso	10
bombaria a batal	10
edos das p	10
pastas. As "P	10
ermeiros"	10
curioso, um es	10
playa caminha	10
grafta. Mas a	10
ra — o — a	10
partida. De sono	10
abordou as sete	10
aldeias dos q	10
ue — e — a —	10
curram rachadinh	10
anta quase —	10
— — — — —	10

ra una pertur  
par tristes por  
una de Brasil

Das Rechtshaus, 1  
— Seite 147  
Der Befehl  
e das Schindel  
sp a Binswag  
pferleb 3  
mmer 15  
durch den  
er 19